

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Experimental, Descobrir e Aprender

Ana Margarida Brito Jorge

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Vera Maria
Silvério do Vale

Outubro de 2013

Agradecimentos

Aos meus pais, por terem tornado possível a concretização desta etapa e por toda a dedicação e apoio ao longo de todos estes anos.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico, pelos ensinamentos transmitidos.

À minha orientadora Dra. Vera do Vale, por todo o apoio prestado no decorrer deste percurso.

À Daisy por se ter revelado uma grande parceira de estágio e amiga. À Cláudia e à Diana, por também terem embarcado nesta aventura.

Aos educadores cooperantes por toda a ajuda e dedicação demonstradas no decorrer do meu estágio.

Às “tartarugas”, por me terem ensinado que as crianças são capazes.

Aos amigos de todas as horas, que mesmo longe fisicamente, estão sempre presentes.

Ao João, um obrigada muito especial, pela presença, apoio constante e paciência demonstradas, e por sempre ter acreditado em mim.

Resumo

O jardim-de-infância é um local de partilha, onde se desenvolvem relações e onde a criança assume o principal papel de toda a ação, pois é para ela que tudo é desenvolvido. Ora no decorrer de todo o processo educativo, não se pode menosprezar as capacidades da criança, devendo a mesma ser incluída e considerada em todas as etapas da sua própria aprendizagem.

O presente relatório pretende dar conhecimento das aprendizagens realizadas por mim, durante o meu processo formativo, enquanto futura profissional da educação pré-escolar, ressaltando a importância de escutar as crianças e de como este facto se torna essencial no dia-a-dia de um jardim-de-infância.

Escutar as crianças é assumir que as mesmas são parte ativa do processo educativo, que têm capacidades, que devem ser respeitadas e mais importante que isto, devem sentir-se seguras e confiantes na exposição das suas opiniões e ideias, pois saberá de antemão, que tudo o que expuser será considerado e não desvalorizado.

O educador de infância é o principal responsável por incluir as crianças num ambiente seguro, de partilha, onde as relações criança-adulto, criança-criança, devem fluir naturalmente e sem pressões.

Palavras-chave: A Criança, *Reggio Emilia*, Trabalho por Projetos, *Atelier* e Documentação.

Abstract

The kindergarten is a place of sharing, where relationships are developed and where the child takes on the main role of all the action, as it is to her that everything is developed. In the course of the entire educational process, we cannot underestimate the capacities of the child, and should be included and considered at all stages of their own learning.

The present report aims to give knowledge of learning held by me, during my formative process, while future early childhood education professional, with the importance of listening to children and how this fact becomes essential in the day-to-day life of a kindergarten.

Listen to the children is to assume that they are an active part of the educational process, which have capacities that must be respected and more important than this, must feel safe and confident in the exposure of their opinions and ideas, because you will know beforehand, that everything that expose will be considered and not devalued.

The kindergarten teacher is primarily responsible for including children in a safe environment, sharing, where child-adult relations, child-child, should flow naturally and without pressure.

Keywords: The Child, *Reggio Emilia*, Project Work, *Atelier* and Documentacion.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – Contextualização e Itinerário Formativo.....	3
1 – A Educação Pré-Escolar	4
2 – Organização do Ambiente Educativo	5
2.1 – Caracterização da Instituição	6
2.2 – Caracterização da Sala.....	8
2.3 – Caracterização do Grupo.....	9
3 – Definição de Aspetos Curriculares Relevantes – A abordagem <i>Reggio Emilia</i>	11
3.1 – O Currículo Emergente	11
3.2 – O Papel do Educador de Infância	12
3.3 – O Trabalho por Projetos	13
3.4 – O Espaço	14
3.5 - A Planificação	15
3.6 – A Reflexão.....	17
Capítulo II – Experiências – Chave.....	19
5 – A Investigação.....	21
5.1 – Objetivo	22
5.2. – A Entrevista	22
5.3. – Amostra	23
5.4. – Definição das categorias.....	23
5.5. – Dados recolhidos e respetiva análise	24
5.6. – Conclusão	30
6 – A criança como centro da sua própria aprendizagem.....	33
6.1 – Valorização da criança como um sujeito capaz.....	34
6.2– A criança como sujeito ativo do processo educativo	36
7 – O Trabalho por Projetos	41
7.1 – O trabalho por projetos na abordagem <i>Reggio Emilia</i>	42

7.2 – Projeto “Coimbra à Vista – Várias vidas, uma cidade”	43
7.2.1 - Fase I: Definição do problema.....	43
7.2.2 – Fase II: Planificação e Desenvolvimento do trabalho.....	44
7.2.3 – Fase III: Execução (início das investigações em campo, das discussões em grupo e das descobertas).....	45
7.2.4 – Fase IV: Divulgação e Avaliação (dá a conhecer a toda a comunidade escolar e famílias o trabalho realizado, assim como permite a identificação de aspetos positivos e negativos, que decorreram no desenrolar do projeto).....	46
8 – O Espaço	49
8.1 – O espaço como fomentador de aprendizagens	50
8.2 – O <i>atelier</i> em <i>Reggio Emilia</i>	51
8.3 – O trabalho no <i>atelier</i>	52
9 – A Documentação	55
9.1 – A documentação em <i>Reggio Emilia</i>	56
9.2 – A Documentação e Comunidade Escolar	57
9.3 – O Portefólio da Criança	58
9.4 – A documentação como reflexão do processo educativo	59
10 - Considerações Finais	63
11 - Fontes de Informação	71
11.1 - Bibliografia	71
11.2 – Webgrafia	72
11.3 – Legislação	72
Apêndices	73
Apêndice I – Fotos dos espaços da sala das “Tartarugas”	75
Apêndice II – Rotina do Grupo	79
Apêndice III – Teia de Conceitos	81
Apêndice IV – Fotos do Lançamento do Projeto “Coimbra à Vista – Várias vidas uma cidade”	83
Apêndice V – Fotos de Trabalhos realizados por Grupos.....	85
Apêndice VI – Planificações.....	86
Apêndice VII – Fotos das Visitas de Estudo	99

Apêndice VIII – Transformação do <i>Atelier “Sala Mágica”</i>	101
Apêndice IX – Alguns dos Painéis de Documentação.....	103
Anexo	105
Anexo I – Poema.....	107

Introdução

O presente relatório final foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular “Prática Educativa”, do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação de Coimbra, e tem como objetivo principal, a descrição e reflexão inerentes ao meu processo formativo.

No decorrer deste relatório, estarão presentes, todo um conjunto de práticas, resultantes das experiências que vivi no campo de capacitação profissional, vulgo estágio, no qual me foi permitido o acompanhamento de um grupo de crianças, de 4 anos. Enquanto futura profissional da educação pré-escolar, a prática educativa, assumiu desta forma, um papel importantíssimo na minha formação, pois proporcionou-me um contacto direto com o mundo do desempenho profissional, através do acompanhamento em situação real, das vivências que envolvem o dia-a-dia de um jardim-de-infância.

As diferentes situações, descritas neste relatório, referem-se então às aprendizagens que resultaram da minha experiência de estágio, que teve como base a abordagem *Reggio Emilia*, abordagem pela qual o jardim-de-infância que me recebeu, desenvolvia as aprendizagens das crianças, e as implicações da mesma nas relações adulto-criança, criança-criança. De modo a que toda esta informação fosse recolhida e analisada de forma clara e precisa, foi necessário o desenvolvimento de uma atitude experimental, que me possibilitou problematizar, para mais tarde intervir e refletir sobre as situações vividas no seio do grupo.

Refletir sobre as mais variadas situações ocorrentes durante as sessões de estágio possibilitou-me a capacidade de identificação dos aspetos positivos e negativos de cada situação, e desta forma, direcionar a minha intervenção no sentido de manter os aspetos positivos, e melhorar os negativos.

O presente relatório encontra-se então dividido em dois capítulos, o primeiro diz respeito à contextualização e itinerário formativo, no qual darei a conhecer o ambiente educativo onde o meu estágio decorreu, e os aspetos curriculares relevantes que definiam o dia-a-dia do jardim-de-infância. Para que isto se tornasse possível recolhi o máximo de informação, sobre a realidade da comunidade educativa em que estive inserida, de modo a que, posteriormente, conseguisse direcionar as minhas intervenções, de acordo com as necessidades e interesses da mesma. O capítulo II tem presente cinco experiências-chave, que para mim se tornaram bastante significativas no decorrer do meu processo formativo: a primeira diz respeito à investigação realizada, acerca das opiniões que as crianças têm sobre o jardim-de-infância, a segunda refere-se à criança como um agente ativo na sua própria aprendizagem, a terceira relaciona-se com a metodologia do trabalho projeto, a quarta aborda a importância do espaço, dando especial ênfase ao papel do *atelier* na educação de infância, e a quinta expõe a importância da documentação nas relações diárias estabelecidas no jardim-de-infância. Por fim é ainda apresentada uma reflexão/conclusão sobre todo este processo.

Capítulo I - Contextualização e Itinerário Formativo

“Em Portugal, a oferta de cuidados para a infância é considerada um instrumento importante para promover a socialização e a integração social entre os diversos grupos sócio-culturais, incentivando o respeito pela diversidade cultural e facilitando a consciencialização das crianças sobre o papel que elas próprias desempenham na sociedade” (Ministério da Educação, 2000, pág. 170).

1 – A Educação Pré-Escolar

A educação pré-escolar em Portugal “destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico e é ministrada em estabelecimentos de educação pré-escolar” (Lei Quadro da Educação Pré-Escolar, 1997), e continuando a basear-me nesta mesma lei, posso afirmar que a educação pré-escolar tem como objetivos específicos, o desenvolvimento da criança em todas as suas capacidades, sem esquecer o envolvimento das famílias no processo de aprendizagem da criança e a interação com a comunidade onde a mesma se insere.

No exercício da educação pré-escolar, o profissional da educação de infância “concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas” (Perfis específicos do desempenho profissional do Educador de Infância e do Professor do 1º ciclo do Ensino Básico, 2001). Para que tal aconteça é necessário que o educador de infância consiga conhecer verdadeiramente cada criança, nas suas capacidades e interesses, proporcionando situações de aprendizagem, nas quais as crianças desenvolvam todas as suas capacidades de uma forma natural.

Deste modo, cabe ao jardim-de-infância, enquanto instituição, e ao próprio educador de infância, criar na escola, um ambiente no qual a criança se sinta confortável e valorizada, mas que acima de tudo lhe transmita segurança, para que esta consiga relacionar-se de forma saudável com tudo o que a rodeia.

2 - Organização do Ambiente Educativo

“No sentido da educação para a cidadania, as Orientações Curriculares dão particular importância à Organização do Ambiente Educativo como um contexto de vida democrática em que as crianças participam, onde contactam e aprendem a respeitar diferentes culturas” (Ministério da Educação, 1997, pág.20).

2.1 – Caracterização da Instituição

O jardim-de-infância onde realizei o meu estágio tem capacidade para receber 80 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos e o seu horário de funcionamento é das 8h00 às 18h30.

Apesar de estar alojado num edifício antigo, é de referir que o mesmo se encontra num bom estado de conservação, distribuindo-se por quatro pisos, sendo que, na cave se localiza o dormitório, que funciona também como sala polivalente, que acolhe entre outras, as aulas de expressão físico-motora e de judo, uma casa de banho para crianças e funcionários e a lavandaria; no rés-do-chão situa-se: a cozinha, o salão, onde as crianças são acolhidas de manhã e onde se realizam as refeições, duas casas de banho para crianças e funcionários respetivamente, o gabinete de receção da instituição e duas salas de atividades; no 1º andar encontram-se: duas salas de atividades, uma casa de banho para crianças e funcionários respetivamente, o gabinete de educadores e um *atelier*; o 2º andar é constituído por: um *atelier* onde também se realizam atividades de enriquecimento curricular, uma sala para funcionários, uma casa de banho para crianças e funcionários respetivamente, e duas salas de arrumos. De referir também que o jardim-de-infância possui um amplo espaço exterior, cujos acessos podem ser realizados tanto pelo rés-do-chão como pela cave, que contém baloiços, escorrega, campo de jogos, um barco e um camião de tamanho grande e uma caixa de areia que as crianças podem explorar livremente nas suas brincadeiras.

As crianças são o elemento principal da vida de uma instituição e tudo neste jardim-de-infância está pensado para que as mesmas se possam deslocar no espaço de forma autónoma e embora existam

algumas barreiras arquitetónicas, próprias de um edifício antigo, as mesmas foram sendo minorizadas e adaptadas às necessidades das crianças, de modo a garantir que estas circulem por todo o espaço em segurança.

O jardim-de-infância rege a sua pedagogia, através da abordagem ao modelo curricular *Reggio Emilia*, e definiu, após ter sido realizado um levantamento de interesses e necessidades, junto das crianças, como temática a abordar por toda a instituição o projeto “Coimbra à Vista”, que tem como objetivo proporcionar às crianças momentos de experimentação, desenvolvimento e aprendizagem, através do meio que a envolve, nesta situação, a cidade de Coimbra.

É ainda uma grande preocupação e faz parte da dinâmica da instituição, a promoção de uma relação positiva com as famílias das crianças e a envolvência das mesmas, no dia-a-dia da instituição, daí que das próprias paredes do jardim-de-infância façam parte os trabalhos das crianças, sempre acompanhados da respetiva documentação, que permite às famílias ter conhecimento das descobertas e aprendizagens realizadas pelas crianças, assim como ajudar nas investigações que por lá se realizam. É permitido às famílias, o acesso à instituição a qualquer hora, dentro do respetivo horário de funcionamento, podendo as mesmas circular livremente pelo espaço, tendo apenas que ter em atenção/consideração a não perturbação das atividades que estão a decorrer. Por tudo o que pude observar da relação instituição-família das crianças, considero que a mesma é bastante positiva e que as famílias são verdadeiramente envolvidas no dia-a-dia do jardim-de-infância, tendo todos os agentes envolvidos nesta situação a ganhar com esta boa relação, pois só assim se conseguirá dar verdadeira resposta às

necessidades das crianças, uma vez que, “ Sendo a educação pré-escolar complementar da acção educativa da família, haverá que assegurar a articulação entre o estabelecimento educativo e as famílias, no sentido de encontrar, num determinado contexto social, as respostas mais adequadas para as crianças e famílias” (Ministério da Educação, 1997 *pág.22*).

2.2 – Caracterização da Sala

A sala de atividades do grupo “Tartarugas” é ampla, com bastante luz natural e os espaços que dela fazem parte (Apêndice I), fomentam a interação das crianças entre si, sem no entanto deixar de proporcionar o “momento para si mesmo”, pois na sala existe um espaço de relaxamento, onde a criança pode estar sozinha, caso assim o deseje.

A sala de atividades é proporcional às aprendizagens que nela se desenvolvem, estando adequada e adaptada às crianças que acolhe. Os materiais que nela se encontram estão ao alcance de todas as crianças e é notória a preocupação que existe na identificação dos materiais por parte das crianças, como é o caso dos jogos do tapete por exemplo, que se encontram dentro de caixas transparentes, de modo a permitir às crianças um rápido reconhecimento do jogo com o qual querem brincar.

De referir ainda que a disposição da sala, se deve às crianças, pois foram estas que definiram os espaços de cada cantinho da sala.

2.3 – Caracterização do Grupo

O grupo de trabalho que eu acompanhei durante o estágio, era inicialmente composto por 25 crianças, 14 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, mas uma criança do sexo feminino deixou de frequentar o jardim-de-infância, ficando 24 crianças, que constituem o grupo dos 4 anos da sala tartaruga. A maioria das crianças e respetivas famílias são de nacionalidade portuguesa, ainda assim, existem crianças de ascendência brasileira, cabo-verdiana, guineense e australiana.

Do que eu pude observar durante as sessões de estágio, posso concluir que as crianças eram no seu geral, bastante autónomas e tentavam sempre ultrapassar os obstáculos que lhes iam surgindo sozinhas, e só depois recorriam à ajuda de um adulto. Apesar dos seus 4 anos, o grupo era bastante ativo e participativo, aderindo sempre e mostrando interesse, tanto nas tarefas que lhes eram apresentadas, como nas atividades que as próprias crianças pediam para realizar, envolvendo-se verdadeiramente no que estavam a concretizar e demonstrando ser bastante empenhados no desenvolvimento das suas tarefas.

Do ponto de vista das relações, é um grupo com uma interação muito cúmplice entre si, todos se relacionavam de forma positiva, embora existissem atritos e conflitos, relacionados com a convivência própria de um dia-a-dia partilhado. Uma relação igualmente positiva era aquela que se desenvolvia entre criança-adulto, pois as crianças embora se sentissem orgulhosas delas próprias, conseguem concretizar algo sozinhas, não tinham receio de recorrer a um adulto sempre que para tal fosse necessário, o que na minha opinião é muito positivo, pois estas sentiam-se seguras quando se dirigiam a um adulto.

Os horários do grupo estavam sujeitos a uma rotina diária organizada (Apêndice II), ainda que esta não seja demasiado rigorosa no seu funcionamento, pois se o grupo se encontrava a desenvolver alguma atividade que necessitasse de mais tempo para ser concluída, não existia problema que esta ocupa-se o tempo destinado a outra atividade, pois o ritmo das crianças assim o exigia, e como tal era respeitado. Do horário letivo do grupo fazem ainda parte atividades de enriquecimento curricular, sendo as mesmas: a expressão musical e a expressão físico-motora. Algumas crianças frequentavam ainda as atividades extracurriculares: natação, inglês e judo, estas atividades eram de caráter facultativo, daí que nem todas as crianças participassem no desenvolvimento das mesmas.

A educadora de infância responsável pelo grupo direcionava as suas intervenções de acordo com a abordagem ao modelo pedagógico *Reggio Emilia*, pedagogia pela qual toda a instituição se rege, valorizando sempre as necessidades individuais e interesses de cada criança, através da conjugação das suas intervenções com estas mesmas necessidades e interesses, proporcionando desta forma, uma aprendizagem significativa para as crianças.

A relação existente entre a educadora e as crianças era de extrema confiança, algo que notei que também passava, por assim dizer, para as famílias das crianças. A educadora desempenhava nesta situação, o elo forte da ligação que existia entre as famílias das crianças e a instituição, pois era ela quem diariamente criava os vínculos de aproximação das famílias à escola e os encarregava também de se tornarem agentes responsáveis na educação das crianças na escola.

3 – Definição de Aspetos Curriculares Relevantes – A abordagem *Reggio Emilia*

3.1 – O Currículo Emergente

O modelo pedagógico *Reggio Emilia* defende a criação e o desenvolvimento do trabalho com as crianças através de um currículo emergente, que se define por ser um instrumento de trabalho, no qual, “os professores apresentam objetivos educacionais gerais, mas não formulam os objetivos específicos para cada projeto ou cada atividade de antemão” (Edwards, Gandini e Forman, 1999, pág.113), optando por orientar o seu trabalho, através do conhecimento prévio que têm das capacidades das “suas” crianças, definindo objetivos que vão ao encontro das necessidades e interesses das mesmas, e que se vão redefinindo à medida que as aprendizagens das crianças se desenvolvem. Para que isto se torne possível de ser concretizado, torna-se essencial, centrar a imagem da criança como um ser capaz “o marco da nossa experiência, (...) é a imagem das crianças como ricas, fortes e poderosas. A ênfase é colocada em vê-las como sujeitos únicos com direitos, em vez de simplesmente com necessidades. Elas têm potencial, plasticidade, desejo de crescer, curiosidade, capacidade de maravilharem-se e o desejo de relacionarem-se com outras pessoas e de comunicarem-se” (Rinaldi, s.d., in Edwards, Gandini e Forman, 1999, pág.114), daí que se torne então fundamental, reconhecer que a criança tem opinião, e tudo o que tiver para partilhar é importante, independentemente da forma como o for feito. A criança é a protagonista desta abordagem, é com ela e para ela que tudo é desenvolvido, as suas questões, dúvidas e as mais variadas opiniões, são bem aceites em *Reggio Emilia* e tornam-se numa mais-valia, no

desenvolvimento de atividades do dia-a-dia. A expressividade da criança, ou as cem linguagens da criança, de Loris Malaguzzi, (Anexo I), tornam-se, desta forma, num dos aspetos mais fundamentais de *Reggio Emilia*, pois abordam as diferentes maneiras que a mesma tem de se expressar, seja a dançar, a cantar, a falar, a desenhar, entre outros.

3.2 – O Papel do Educador de Infância

O papel do educador de infância nesta abordagem, embora se mantenha discreto, é igualmente significativo, o adulto tem de conseguir proporcionar às crianças as mais variadas situações de aprendizagem, relacionadas com os interesses e necessidades que estas demonstram, sem no entanto se envolver demasiado, no sentido de dar espaço a que seja a própria criança a desenvolver a sua aprendizagem e não o educador por ela. Assim o papel do educador de infância é o de estar presente em todas as situações de aprendizagem, sem no entanto se tornar um intruso, valorizando a criança por aquilo que é, partindo do que esta já sabe/conhece para a abordagem ao desconhecido, mantendo-se atento e observador do trabalho desenvolvido, ao mesmo tempo que desafia as crianças a questionarem-se e a investigar as respetivas respostas sobre um qualquer assunto que lhes desperte interesse. Esta relação apresenta benefícios tanto para as crianças, como para os educadores, pois da perspetiva da criança mostra que a mesma é envolvida num trabalho desafiante, capaz de despertar toda a sua atenção e curiosidade, e onde aprenderá a definir todo um conjunto de tomada de decisões, ao mesmo tempo que terá de lidar com a gestão de conflitos, no sentido de saber respeitar as opiniões dos outros, embora não concordando com elas, por

outro lado, apresentando a perspectiva dos educadores, estes possuem um maior interesse em escutar as crianças e as suas opiniões, mostrando uma verdadeira preocupação na ideia de não suprimir as capacidades das crianças, através das suas próprias opiniões e sugestões, (Rabitti, 1992, in Edwards, Gandini e Forman, 1999, pág.47).

Tudo o que foi descrito anteriormente ganha ainda mais significado, através do direcionamento da abordagem *Reggio Emilia*, para o trabalho em equipa, onde se incluem: toda a comunidade escolar, encarregados de educação, família e sociedade, não existindo um que seja mais importante que outro, embora se tenha perfeita noção de que a relação entre todos se desenvolve apenas por causa da criança que é a verdadeira protagonista de todo o desenvolvimento, todos têm o seu valor e todos contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem de todos, sendo extremamente valorizada a cooperação entre pares, que resulta das interações entre criança-criança e criança-adulto, que vai sendo moldada através do princípio do desenvolvimento da aprendizagem resultante das relações existentes com o meio social e o meio envolvente.

3.3 – O Trabalho por Projetos

No desenvolvimento de aprendizagens no dia-a-dia de um jardim-de-infância *Reggio Emilia*, é utilizado o trabalho por projetos, que se caracteriza por ser, “uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder aos problemas encontrados” (Leite, Malpique e

Santos, 1989, pág.117), assim, uma curiosidade que desperte o interesse de uma criança poderá facilmente originar um projeto, se a criança procurar querer saber mais sobre essa mesma curiosidade, partilhando o seu interesse com o restante grupo e despertando a curiosidade dos mesmos, que juntos iniciam uma aprendizagem sobre esse mesmo interesse. Não é necessário que um projeto se desenvolva apenas se tiver incluído todo o grupo de crianças, as crianças participam de acordo com o interesse que o mesmo lhes desperta, tendo total poder de decisão, no que diz respeito à sua envolvência ou não, e desta forma, torna-se também possível que no mesmo grupo decorram vários projetos em simultâneo, existindo posteriormente uma interação através de momentos de partilha, nos quais as crianças reúnem em grande grupo, e dão a conhecer às restantes crianças, as descobertas que têm realizado nos projetos em que estão envolvidas.

3.4 – O Espaço

Em *Reggio Emilia* os espaços de um jardim-de-infância são preenchidos de forma a promover a interação entre crianças e adultos, proporcionando elementos incentivadores desta mesma relação, ao mesmo tempo que se respeita e salvaguarda o momento de autorreflexão. Tudo no espaço é pensado de modo a incentivar e a promover a autonomia das crianças, e para além dos jogos e brinquedos, também os mais variados tipos de materiais estão ao seu alcance, de modo a que esta possa incentivar toda a sua criatividade. E é por isto que o espaço se torna tão fundamental na vivência diária de uma instituição, pois “Valorizamos o espaço devido ao seu poder de organizar, de promover

relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividade, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isto contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças” (Malaguzzi, s.d., in Kinney e Wharton, 2009, pág34).

Ainda assim, há um espaço em *Reggio Emilia* que se destaca, não por ser mais importante do que todos os outros, mas pela natureza das relações que por lá se desenvolvem, o *atelier*. O *atelier* é um espaço dentro do jardim-de-infância, mas fora da sala de atividades, que se caracteriza por ter materiais bastante diversificados, onde as crianças se encontram para trabalhar em pequenos grupos, nos projetos em que estão envolvidas, ou em alguma temática que lhes desperte curiosidade. O *atelier* torna-se assim, no espaço onde o educador de infância dá toda a sua atenção ao pequeno grupo, provocando as mais diversas situações de aprendizagem e deixando fluir essas mesmas aprendizagens, e onde as crianças acabam por trocar mais opiniões e ideias entre si.

3.5 - A Planificação

Tal como já foi referido anteriormente é essencial encarar a criança como um sujeito ativo da sua própria aprendizagem, daí que o educador de infância se torne o elemento mediador destas mesmas aprendizagens, assim é fundamental, a criação de um ambiente aberto a planificações para e com as crianças.

Planificar para as crianças implica ter um grande conhecimento dos seus interesses e necessidades, ao mesmo tempo que se tem como ponto de partida o seu conhecimento prévio e tendo em atenção a definição dos seguintes aspetos:

- O ponto de partida da atividade, que reflete o porquê da escolha da temática, ou como esta surgiu;
- O espaço onde a mesma se realizará;
- O/os objetivo/os que se esperam atingir com a realização da atividade;
- As estratégias de implementação e o desenvolvimento previsto para a realização da atividade;
- A avaliação da atividade que poderá ser realizada através da observação, diálogo, documentação, registo fotográfico, entre outros.

De referir ainda que esta planificação não é estática e não tem obrigatoriamente de ser seguida na totalidade, se os interesses demonstrados pelas crianças no decorrer da atividade forem ao encontro de outros aspetos que não estavam definidos.

Planificar com as crianças, implica acima de tudo saber escutá-las e ter em consideração as suas opiniões. Nesta situação, o educador de infância deve permitir que o controlo da planificação seja assumido pelas crianças, incentivando-as a que sejam as próprias a responder às seguintes questões:

- O que se vai realizar?
- Quem vai participar?
- Como será realizado?

- Quando será realizado?
- Onde será realizado?
- Com o quê? (Que recursos serão utilizados).

Este tipo de planificação ajuda as crianças a terem noção da organização da atividade em questão, ao mesmo tempo que lhes permite saber de antemão a sequência com que a mesma se realizará.

3.6 – A Reflexão

A reflexão é algo que também faz parte do ambiente de *Reggio Emilia* e para que tal aconteça com o maior rigor possível, torna-se essencial a organização de documentação, que contenha os mais variados tipos de registo, escrito, áudio, vídeo, fotografia, grafismos, entre outros, das várias situações que vão ocorrendo durante o dia, pois a “documentação como conteúdo é o material que registra o que as crianças estão dizendo, fazendo e produzindo e como o pedagogo se relaciona com as crianças e com o seu trabalho” (*Dahlberg et al., 1999; in: Kinney e Wharton, 2009 pág37*). Esta organização tem a participação das crianças, podendo os registos ser realizados em conjunto entre educador de infância e grupo, ficando posteriormente expostos em local onde as famílias possam ter acesso, para que desta forma consigam realizar um acompanhamento daquilo que as suas crianças realizam e/ou demonstram interesse em realizar no jardim-de-infância. A documentação torna-se assim, um instrumento essencial da reflexão, envolvendo todos os agentes do processo educativo: permite à criança identificar o caminho realizado nas suas aprendizagens, tornando-as desta

forma significativas; permite ao educador de infância, identificar através das aprendizagens das crianças, os aspetos positivos e negativos das suas intervenções; por fim permite às famílias não apenas o acompanhamento, mas o envolvimento nas aprendizagens das suas crianças.

Capítulo II - Experiências - Chave

5 - A Investigação

“A possibilidade de considerar as percepções sobre os seus processos de vida e seus contextos particulares de desenvolvimento e aprendizagens, mediante manifestações verbais ou diferentes produções, faz da criança um importante sujeito nas investigações relativas às questões da infância, em especial da educação infantil” (Oliveira-Formosinho, 2008, pág.7).

5.1 – Objetivo

A presente investigação, que foi realizada em conjunto com a minha colega de estágio, tem como objetivo dar voz às crianças, no que diz respeito às suas ideias, conceções e opiniões sobre o jardim-de-infância, e a mesma foi desenvolvida, a partir de uma pergunta-chave, questionada a nós próprias, enquanto futuras profissionais da educação pré-escolar, que se baseou em “como vê a criança o jardim-de-infância?”.

5.2. – A Entrevista

A criança tem o direito a ser ouvida e a ter as suas opiniões consideradas, respeitando-se a sua liberdade de expressão e sua eventual recusa, na participação de algo. No decorrer desta investigação, realizámos entrevistas às crianças do grupo “tartarugas”, mas antes de o fazermos, recolhemos as necessárias autorizações por parte das crianças e dos seus encarregados de educação. Para os encarregados de educação elaborámos um consentimento informado, que continha toda a informação referente à realização da entrevista a realizar; perante as crianças, tivemos uma conversa de grande grupo, onde esclarecemos que gostaríamos de lhes realizar uma entrevista sobre as suas ideias acerca do jardim-de-infância, esclarecendo no que consistia uma entrevista.

A entrevista por nós delineada, não possuía um carácter de pergunta-resposta, pois as questões elaboradas, eram estritamente orientadoras das temáticas a abordar com as crianças e não obrigatórias, no sentido de serem realizadas estritamente como tinham sido planeadas,

transmitindo desta forma à entrevista uma propriedade semiestruturada. A escolha da realização de uma entrevista semiestruturada, incidiu no facto de esta poder ser realizada num contexto de conversa com as crianças, onde os temas a abordar, surgem no decorrer desta mesma conversa, e não como parcelas únicas.

5.3. - Amostra

As entrevistas foram então realizadas às 24 crianças que compõem o grupo das “tartarugas”, e as mesmas foram realizadas a pares, que foram distribuídos através de sorteio realizado em grande grupo.

Tanto eu, como a minha colega de estágio, estivemos presentes em todas as entrevistas, e enquanto uma conduzia a entrevista, a outra mantinha-se em silêncio, sem interferir, registando as observações sobre a postura das crianças, a hesitação que existia nas respostas entre outros, que decorriam ao longo da entrevista.

5.4. - Definição das categorias

De modo a procedermos à análise dos dados recolhidos, decidimos categorizar a informação, através do agrupamento das respostas dadas pelas crianças. Assim, as categorias surgem para reunir as opiniões das crianças e permitirem uma análise qualitativa às mesmas.

5.5. – Dados recolhidos e respetiva análise

1 – Porque é que acham que os/as meninos/as vêm ao jardim-de-infância?

Quadro 1 - Categorias e Resultados da questão 1.

Categorias	Número de Respostas
As crianças vêm ao jardim-de-infância para aprender. “Para aprender música” (A.) “Ouvir histórias” (M.J.) “Para aprender os números” (J.)	15
As crianças vêm ao jardim-de-infância para brincar. “Para brincar com os amigos” (G.) “É porque nós brincamos aqui e temos um quintal” (J.M.)	4
As crianças vêm ao jardim-de-infância para não ficarem sozinhas em casa. “Os pais têm que trabalhar para ganhar dinheiro” (M.M.) “Os pais têm medo que os ladrões roubem os meninos” (J.N.)	2
Não responderam	3
Número de crianças	24
Número de respostas	21

Os dados recolhidos sobre o porquê de as crianças frequentarem o jardim-de-infância, permitem identificar através do quadro 1, que a maioria das crianças reconhece o aprender como fator principal desta mesma frequência, concluindo com isto que para as crianças os colegas vêm ao jardim-de-infância para aprender, o que me leva a considerar que a própria criança tem noção de que “os diversos contextos da educação pré-escolar são assim, espaços onde as crianças constroem a sua aprendizagem” (Ministério da Educação, 1997, pág.18). É possível ainda constatar que quatro crianças escolheram o brincar como o principal motivo da frequência do jardim-de-infância, atribuindo um carácter

lúdico à imagem que têm do mesmo, e que duas crianças atribuem esse fator aos compromissos dos pais, e ao saberem que estes não permitiriam que as crianças ficassem sozinhas em cada.

2 – E tu porque vens ao jardim-de-infância?

Quadro 2 - Categorias e Respostas da questão 2.

Categorias	Número de Respostas
<p>As crianças vêm para aprender. “Para aprender e fazer pinturas” (A.G) “Para aprender mais coisas” (J.A.)</p>	11
<p>As crianças vêm para brincar. “Brincar no quintal” (A.) “Porque eu gosto de brincar” (C.)</p>	6
<p>As crianças vêm para não ficar sozinhas em casa. “Porque assim, eu ficava sozinho em casa e algum ladrão podia ter uma coisa muito forte e podia-me roubar e depois ia para casa dele” (M.M.)</p>	2
<p>As crianças vêm para o jardim-de-infância porque gostam. “Porque eu gosto do jardim-de-infância” (M.L.) “Porque eu tenho cá muitos amigos” (L.L.)</p>	2
<p>As crianças vêm para ensinar. “Eu venho para ensinar as coisas que eu faço em casa” (J)</p>	1
Não responderam	2
Número de crianças	24
Número de respostas	22

Esta questão embora se assuma semelhante à questão anterior, tem uma diferença que na minha opinião é fundamentada através da análise dos dados e se relaciona com a questão da individualidade própria, pois embora as semelhanças relativas à questão anterior, as respostas obtidas foram mais diversificadas. A aprendizagem, o brincar e o facto de as crianças não poderem ficar sozinhas em casas, continuam a

ser motivos apresentados na frequência do jardim-de-infância, ao mesmo tempo que se introduzem o gostar do jardim-de-infância e o frequentar também para ensinar. Esta última questão, embora tenha sido a resposta de apenas uma criança, permite-me refletir sobre a importância da relação existente entre o jardim-de-infância e o ambiente familiar da criança, permitindo-me concluir que quando esta se traduz numa boa relação, transmite segurança à criança, que se sente de tal modo confortável que não tem receio de partilhar as aprendizagens realizadas em casa.

3 – O que é que os/as meninos/as fazem cá no jardim-de-infância?

Quadro 3 - Categorias e Respostas da questão 3.

Categorias	Número de Respostas
<p>As crianças brincam no jardim-de-infância. “Brincar no quintal e também escorregar no escorrega que temos no quintal. “E também podemos brincar nos baloiços.” (A.) “Brincamos, descobrimos os bichos” (M.J.)</p>	11
<p>As crianças desenvolvem rotinas. “Dormimos a sesta” (J.M) “Almoçam” (M.M) “Descansam, comem e correm” (L.L.) “Comem e dormem e lavam os dentes” (J.)</p>	7
<p>As crianças desenvolvem atividades lúdicas. “Fazem muitas coisas divertidas” (C.) “Desenhar” (M.)</p>	5
Não responderam	1
Número de crianças	24
Números de respostas	23

Relativamente ao que as crianças desenvolvem no jardim-de-infância, é possível averiguar no quadro3, que o brincar está bem

presente nas atividades do jardim-de-infância com onze crianças a referir esta situação. Ainda assim, também se verifica, que as rotinas fazem parte das escolhas das crianças, o que me transmite a importância que a rotina tem no dia-a-dia destas e da confiança que as crianças sentem ao saberem que há determinadas situações que se repetem, pois este permite-lhes localizarem-se no tempo e no espaço, sabendo que depois de determinada tarefa se vão dirigir para um determinado local. O desenvolvimento de atividades lúdicas no jardim-de-infância, também está presente nas escolhas das crianças, o que transmite que as aprendizagens são realizadas de forma prazerosa para as crianças.

4- O que é que os meninos/as não gostam de fazer no jardim-de-infância?

Quadro 4 - Categorias e Respostas da questão 4.

Categorias	Número de Respostas
<p>As crianças não gostam de estar privadas de brincar. “Não gostam de estar sentadas todo o dia sem brincar” (T.) “Eles não gostam de ficar de castigo” (M.) “Não gostam de chuva, porque não podem brincar no quintal” (J.)</p>	8
<p>As crianças não gostam de magoar os outros. “Não gostamos de bater, empurrar e morder” (A.) ”Não gostam de arranhar”(B)</p>	7
<p>As crianças não gostam de trabalhar. “Não gostam mesmo nada de trabalhar” (J.) “Não gostam de arrumar a sala” (F.)</p>	5
<p>Não responderam</p>	4
<p>Número de crianças</p>	24
<p>Número de respostas</p>	20

Quando questionadas sobre o que as crianças não gostam de fazer, verifica-se que ficarem privadas de brincar, por algum motivo, é o que menos agrada às crianças, constatando-se mais uma vez, a importância que este grupo de crianças assume perante o brincar. Assumem também, que magoarem-se propositadamente uns aos outros, é o que as crianças identificam como sendo o que não gostam de fazer, sendo possível com estas afirmações constatar o quanto a amizade é importante para o grupo, não querendo ver os seus amigos tristes ou a chorar. O não gostar de trabalhar tem incidência sobre cinco crianças, que identificam as tarefas como sendo o que as crianças menos gostam de realizar.

5 – O que fazem os adultos que trabalham no jardim-de-infância?

Quadro 5 - Categorias e Respostas da questão 5.

Categorias	Número de Respostas
<p>Os adultos estão no jardim-de-infância para ajudar e ensinar.</p> <p>“Para fazer os meninos arrumar e para nos ajudar” (J.) “Ensinam os meninos como é que se fazem as coisas” (T.)</p>	9
<p>Os adultos trabalham no jardim-de-infância.</p> <p>“Eles trabalham muito para fazer comida às crianças e para fazerem muitas coisas” (C.) “Trabalham muito e fazem contas” (A.)</p>	8
<p>Os adultos zangam-se no jardim-de-infância.</p> <p>“Eles zangam-se com os meninos” (B.) “Avisam os meninos para não bater e depois zangam-se” (J.N)</p>	3
Não responderam	4
Número de crianças	24
Número de Respostas	20

Perante estes resultados é possível constatar no quadro 5, que a visão que as crianças têm do papel dos adultos no jardim-de-infância, se encontra praticamente dividida, entre as crianças que consideram que eles estão lá para as ajudar e ensinar no desenvolvimento de tarefas, e as crianças que assumem o trabalho como principal tarefa do adulto, mas em ambas as situações assumem-se vertentes direcionadas com assas crianças, deixando estas bem claro que os adultos ajudam a ensinar as crianças, e o trabalho que desenvolvem é também para as crianças do jardim-de-infância. Três crianças consideram ainda que o papel do adulto é zangar-se sempre que as crianças se portam mal.

6 – Gostas de vir ao jardim-de infância? Porquê?

Quadro 6 - Categorias e Respostas da questão 6.

Categorias	Número de Respostas
As crianças gostam de frequentar o jardim-de-infância. “Porque posso brincar cá no jardim e descobrir coisas novas” (J.) “Porque o jardim-de-infância é muito divertido” (C.)	21
As crianças não gostam de frequentar o jardim-de-infância. “Gostava de estar todo o dia em casa” (M.J.) “Não gosto do jardim-de-infância, porque gosto é das férias” (B.)	3
Número de Crianças	24
Número de Respostas	24

Esta questão foi unanime perante vinte e uma crianças que identificaram afirmativamente que gostavam de frequentar o jardim-de-infância, referindo os mais diversos motivos para tal. Três crianças afirmaram que não gostavam de frequentar o jardim-de-infância, não indicando qualquer situação negativa que por lá tenha ocorrido como

motivo para esta afirmação, mas demonstrando sim uma preferência pelo acompanhamento da família.

5.6. – Conclusão

A presente investigação, para além de me ter proporcionado conhecer as opiniões das crianças sobre o jardim-de-infância, permitiu-me também ter um contato mais direto com cada uma, o que considero bastante importante, pois contribuiu para que fosse desenvolvida uma relação de confiança, na qual as crianças puderam falar abertamente sobre um determinado tema. Assim, considero que este tipo de investigação é uma mais-valia para o educador de infância pois tem a oportunidade de escutar a criança, e de reafirmar a importância que esta mesma escuta tem no dia-a-dia de um jardim-de-infância, e na procura de conhecimento sobre a própria criança, (Oliveira-Formosinho, 2008). O educador de infância, ao entrevistar as crianças deve também assegurar que as mesmas são realizadas sem qualquer tipo de pressões ou opressões nas respostas das crianças, caso contrário não serão obtidos resultados fidedignos, que permitam uma análise concreta.

Tudo o que mencionei, foi tido em consideração por mim e pela minha colega de estágio, no decorrer das entrevistas, pois as mesmas aconteceram num ambiente agradável, descontraído, com espaço para a brincadeira e isso permitiu que a recolha das opiniões das crianças fosse realizada sem pressões, pois optámos por deixar a conversa fluir naturalmente, sem forçar qualquer temática que tínhamos pré-definido abordar. Ainda assim, e durante a realização das entrevistas tornou-se

possível constatar situações relativas à insegurança de algumas crianças, pois hesitarem nas respostas dadas, esperando que o colega desse primeiro a sua opinião e só depois a criança dava a sua, outras passaram a defender as ideias do seu par, embora tivessem uma opinião diferente, isto representa uma desvantagem na realização de entrevistas a pares em contexto de jardim-de-infância, pois a criança pode assumir esta questão como tendo que “dar a resposta correcta e mesmo procurar conferir a sua resposta junto dos pares (...) e mesmo alterá-la em função daquilo que será melhor aceite”, (Oliveira-Formosinho, 2008 pág.20), no entanto, apesar destas inseguranças, creio que as entrevistas realizadas foram bastante positivas para recolher as opiniões das crianças, pois estas surgiram como uma conversa e no decorrer das mesmas, tanto eu como a minha colega de estágio, tentámos sempre ir ao encontro da verdadeira opinião da criança, sem causar qualquer tipo de constrangimento na criança.

6 – A criança como centro da sua própria aprendizagem

“Encorajar a escolha contribui para a participação das crianças na prática, pois esta oferece, em particular, oportunidades para a independência e interdependência; oferece tempo para pensar, para interagir, para se relacionar e para estabelecer conexões. Isto significa reconhecer que uma ampla e série de oportunidades e experiências devem estar disponíveis para apoiar a participação das crianças e para auxiliar as maneiras como elas aprendem e se envolvem com as outras e com os adultos.” (Kinney e Wharton, 2009, pág.23).

6.1 – Valorização da criança como um sujeito capaz

De acordo com Malaguzzi, s.d, (in Edwards, Gandini e Forman, 1999,pág.92), a educação tem como objetivo proporcionar às crianças um aumento das suas capacidades de exploração e descoberta. Assim, torna-se fundamental permitir que a criança realize as suas aprendizagens num ambiente onde seja vista como o elemento principal do desenvolvimento e se torne um agente proactivo na sua própria aprendizagem, uma vez que, o grande foco da aprendizagem da criança se centra nas interações que se estabelecem entre criança-criança, criança-adulto, criança-meio envolvente, e é no seio destas interações que a criança assimila e acomoda o seu próprio conhecimento, (Jean Piaget,s.d., in: Homann e Weikart, 2009, pág.19).

A criança tem capacidades que devem ser valorizadas pelo adulto, tem opinião e tudo o que tiver para partilhar é importante, tendo o educador de infância um papel fundamental na criação de um ambiente educativo acolhedor no sentido de proporcionar à criança a oportunidade desta se expressar sem medos e de fomentar no restante grupo a consideração pelas opiniões dos colegas, assim, enquanto futura profissional da educação pré-escolar, considero determinante no desenvolvimento das crianças que estas sejam colocadas no centro do processo de aprendizagem “garantindo que estejam totalmente envolvidas no planeamento e na revisão da sua aprendizagem juntamente com os educadores e que possam se envolver em conversas importantes com os adultos e com outras crianças, de modo a estender suas ideias e pontos de vista” (Kinney e Wharton, 2009).

Permitir que a criança seja o centro da sua própria aprendizagem, é admitir que a mesma é um elemento capaz ativo no processo de aprendizagem, com excelentes capacidades de desenvolvimento, e cujas aptidões não devem ser menosprezadas simplesmente porque é uma criança, cabendo ao educador de infância o cuidado na valorização da criança

A teoria sócio construtivista de Vygotsky, defende que a criança aprende e se desenvolve através dos estímulos que a mesma recebe aquando das suas interações com o meio que a envolve, ou seja, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança são fruto das mais variadas interações sociais, como tal, tornar a criança um membro ativo na sua própria aprendizagem é hoje em dia, um dos objetivos da educação de infância, onde a promoção de atividades pensadas e desenvolvidas para e com a criança se tornam essenciais, pois permitem que a mesma se envolva em todas as etapas do processo de aprendizagem.

Assim, cabe ao educador de infância construir um ambiente de interações rico, que permita à criança a exploração das suas capacidades, desta forma, o educador de infância deve considerar as suas intervenções através do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), de Vygotsky, que é possível definir como “(...) a distância que medeia entre o nível actual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade actual de resolver problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob orientação de adultos ou em colaboração com pares mais capazes” (Vygotsky, s.d. in Fino, C., 2001).

A ZDP permite ao educador(a) de infância reconhecer as capacidades individuais de cada criança, através da definição de objetivos a atingir com cada uma, partindo do que esta já conhece, para dar origem a novas descobertas, estimulando desta forma todo o seu potencial, ao mesmo tempo que encara o facto de que cada criança tem o seu próprio ritmo e não o ritmo “imposto” ao grupo.

Considero deste modo, que é o educador de infância o responsável pela envolvência da criança na sua própria aprendizagem, pois basta que ele escute verdadeiramente o que as crianças têm a dizer, para que as aprendizagens se tornem significativas, e ainda que por vezes, as crianças o façam espontaneamente, é o educador de infância que tem a obrigação de as envolver no processo educativo.

6.2- A criança como sujeito ativo do processo educativo

Já referi anteriormente que escutar a criança se torna imprescindível quando a queremos envolver e tornar num agente ativo da sua própria aprendizagem, como tal, é essencial criar no dia-a-dia do jardim-de-infância, um ambiente positivo, onde a criança se sinta confortável em participar, tendo à-vontade para expor as suas opiniões e ideias, e tendo um educador de infância capaz de a impulsionar verdadeiramente, desta forma, torna-se determinante a maneira como se encaram as reações a atitudes da criança.

Durante o meu estágio, tive a oportunidade de observar e escutar as crianças nas suas diversas formas de expressão e embora o diálogo se torne bastante importante nas relações do dia-a-dia, também as ações

praticadas pelas crianças transmitem as suas curiosidades, necessidades e interesses, devendo o educador de infância ter a capacidade de interpretar estas mesmas ações e transformá-las em situações de aprendizagens significativas para as crianças. Exemplo disto mesmo foi o que deu origem ao projeto “Vamos pintar a Casinha do Quintal”, no grupo das “tartarugas”, onde a ação desenvolvida por duas crianças desencadeou uma série de acontecimentos que resultaram na superação de diferentes problemáticas associadas ao projeto.

Tudo começou quando duas crianças do grupo das “tartarugas” que estavam a brincar no quintal decidiram ir pintar a casinha amarela, utilizando os dióspiros que estavam caídos no chão e que provinham de uma das árvores de fruto que estão espalhadas pelo quintal. Questionados pela educadora, sobre o porquê de estarem a fazer tal coisa, responderam que a casinha amarela estava estragada, precisava de ser consertada e que eles estavam então a pintar as paredes. Perante tal situação a educadora de infância, permitiu que continuassem e apenas lhes chamou a atenção para o que estava acontecer à sua volta. Repararam então que aquela “tinta” atraía mosquitos e outros bichos e que assim não podiam brincar na casinha, foi então que a educadora lhes propôs levarem esta problemática para o grande grupo, no sentido de que estes os ajudassem a encontrar uma solução para a casinha. As crianças que quiseram ajudar decidiram realizar um projeto, e assim surgiu com o título “Vamos pintar a Casinha do Quintal”. A partir deste momento, existiu um desenrolar de situações que permitiram às crianças formular diversas problemáticas, como se apresenta de seguida, no quadro 7:

Quadro 7 - Situações de Aprendizagem das Crianças.

Ideias das Crianças	Conclusões das Investigações Realizadas
1 – “Vamos utilizar as tintas da sala para pintar a casinha” (J.N.)	1 – “As tintas da sala são para usarmos nas folhas, nas paredes não funcionam!” (J.M.)
2 – “Então podemos comprar as tintas e os pinceis.” (L.L)	2 – “Nós não temos dinheiro e também não podemos pedir aos pais porque estamos em crise!” (J.)
3 – “Os adultos trabalham para ter dinheiro, vamos também trabalhar para ter dinheiro.” (T.)	3 – “As crianças não trabalham, as crianças têm de brincar.” (M.M.)
4 – “Podemos vender coisas! Podemos vender as coisas que temos em casa e já não queremos.” (J.N.)	4 – “Sim, vamos fazer uma angariação de fundos.” (T.)
5 – “Mas primeiro temos de medir a casinha” (M.L.)	5 – “A minha mamã sabe fazer casas, é arquiteta, ela pode ajudar.” (L.L.)
6 – “Só podemos medir com a régua.” (M.M.)	6 – “A mãe da L.L. ensinou que dá para medir com as mãos e com os pés, e também com a fita métrica.” (J.N.)
7 – “As cores da casinha podem	7 – “Se for azul íamos gastar uma

ser as que quisermos.” (J.M)	lata de tinta, se quisermos pintar por cima do azul, amarelo, gastamos 3 latas de tinta, por isso é que a casinha vai ficar azul, branca e amarela.” (J.)
8 – “Para angariarmos fundos podemos fazer uma feira” (S.)	8 – “Podemos construir espantalhos para vender!” (M.M.); “E também pulseiras, puxos para o cabelo e bandoletes.” (M.L.);

Quando concluí o estágio, o projeto ainda não tinha terminado, no entanto, foi possível identificar a enorme evolução que existiu desde o início do projeto, até ao momento em que se encontra, pois as diferentes problemáticas com as quais as crianças se foram deparando no desenrolar do projeto originaram as mais aprofundadas investigações e descobertas. As crianças exploraram cada uma das problemáticas com o entusiasmo de quem realmente quer desvendar uma curiosidade, partilharam opiniões, discutiram ideias e ouviram diferentes pontos de vista, levando-os a respeitarem-se mutuamente e sempre com o objetivo de alcançar uma resposta para as problemáticas que lhes surgiam.

Enquanto estagiária e futura profissional da educação pré-escolar, considero que foi bastante positiva a experiência de acompanhar as crianças nesta “viagem”, inicialmente foi difícil não cair na tentação, por assim dizer, de influenciar as escolhas do grupo, mas com a ajuda da educadora de infância que acompanha o grupo, e com as reflexões realizadas com a minha parceira de estágio, tudo se tornou mais fácil, e o

impulso que existia no sentido de transmitir de imediato uma resposta às crianças, foi substituído pela satisfação de as ver tão envolvidas em algo e com a curiosidade de quererem saber mais sobre esse mesmo assunto. Tornou-se bastante claro, para mim, a diferença que existe entre permitir que as crianças sejam as protagonistas da ação ou ter o educador de infância a assumir esse papel, pois ter um grupo de crianças a trabalhar numa determinada temática e poder verificar que posteriormente são capazes de explicar sozinhos a terceiros, como é que tudo começou, que aprendizagens realizaram e que ações concretizaram é bastante recompensador para o educador, que nestas situações é “apenas” um guia.

Embora tudo no trabalho desenvolvido para e com as crianças seja importante, para mim, o que mais teve significado no decorrer do projeto “Vamos pintar a casinha do quintal”, foi a forma como este começou, e como a educadora de infância soube escutar verdadeiramente os gestos e as palavras das crianças, ao invés de as retrain, e foi extraordinário observar, como a educadora deu a volta à situação e a transformou numa aprendizagem significativa para as crianças, permitindo que estas se tornassem em sujeitos ativos na sua própria aprendizagem, dando origem a que a própria educadora tenha tido uma participação discreta, mas fundamental no desenvolvimento destas mesmas aprendizagens.

7 – O Trabalho por Projetos

“ O trabalho de projecto como abordagem à educação da primeira infância refere-se a uma forma de ensino e aprendizagem, assim como ao conteúdo do que é ensinado e aprendido. Esta abordagem dá ênfase ao papel do professor no incentivo às crianças a interagirem com pessoas, objectos e com o ambiente, de formas que tenham um significado especial para elas. Como forma de aprendizagem dá ênfase à participação activa das crianças (...). O conteúdo ou tópico de um projecto é geralmente retirado do mundo que é familiar às crianças” (Katz e Chard, 1997, pág.5).

7.1 – O trabalho por projetos na abordagem *Reggio Emilia*

Na abordagem *Reggio Emilio*, uma das situações que reflete maior impacto nas aprendizagens das crianças é o trabalho por projetos, devido às situações de investigação, descoberta e aprendizagem que promove. O trabalho por projetos é então visto como uma aprendizagem que desenvolve determinadas competências na criança, nomeadamente, no conhecimento relativo ao ambiente que a envolve, tendo como objetivos principais, incentivar a criança a expor as suas ideias, a colocar questões e a ultrapassar dificuldades que surjam, uma vez que, “cada criança, como sujeito do processo educativo, vai implicitamente desenvolvendo um projecto que tem como referência o seu desejo de crescer e aprender” (Ministério da Educação, 1998, pág.100), o papel do educador de infância, torna-se então o de provocar, incentivar e guiar as aprendizagens das crianças, não fazendo por elas, mas tendo perfeita noção da imagem da criança enquanto sujeito autónomo e capaz.

A metodologia de projeto implica diferentes etapas, em que uma dá origem a outra, mas sem se sobrepor à mesma. A execução destas fases, que serão apresentadas de seguida, é realizada de forma gradual, ou seja, a sua construção é progressiva, desenvolvendo-se à medida que a aprendizagem das crianças também se desenvolve, não devendo ser apressadas por questões de tempo ou afins, tendo a obrigatoriedade de fluir naturalmente, caso contrário a aprendizagem das crianças perder-se-á, (Ministério da Educação, 2012).

7.2 – Projeto “Coimbra à Vista – Várias vidas, uma cidade”

Um dos desafios do meu estágio era precisamente o de desenvolver um projeto com as crianças. Como na instituição estávamos quatro estagiárias do mestrado em Educação Pré-Escolar, foi-nos proposto que o realizássemos em conjunto e que o associássemos ao projeto da instituição “Coimbra à Vista”. O projeto tornou-se desta forma comum a três salas “tartarugas” – 4anos, “caracóis” e “leões” – 3 anos.

7.2.1 - Fase I: Definição do problema (identifica a questão que originou o projeto e que despertou os interesses das crianças).

Começámos então por realizar junto das crianças, um levantamento de interesses, através de conversas formais e informais, onde questionámos diretamente as crianças sobre quais os seus interesses, conversas individuais e de grupo, observação e participação nas brincadeiras das crianças. Recolhidos os dados, decidimos agrupá-los e verificámos que os interesses das crianças se dividiam por três grandes grupos: alimentação, plantas e animais, e transportes.

De modo a conseguirmos dar uma maior resposta a todos os interesses demonstrados pelas crianças elaborámos uma teia de conceitos (Apêndice III), que nos permitiu especificar o trabalho a desenvolver com as crianças e demos então início ao nosso projeto.

7.2.2 – Fase II: Planificação e Desenvolvimento do trabalho

(permite identificar qual o caminho a seguir no desenvolvimento do projeto, respondendo a algumas questões, como vamos fazer, de que forma, que materiais precisamos, entre outros).

O lançamento do projeto ocorreu através de uma mensagem de vídeo enviada pelo Wally (personagem do projeto “Coimbra à vista”, que veio ao jardim-de-infância pedir que as crianças o ajudassem a descobrir Coimbra, deixando uma mochila contendo uma máquina fotográfica, um mapa e uns binóculos, e que regressaria quando as crianças tivessem reunido o máximo de informação sobre a cidade) onde pedia às crianças para irem explorar a mochila:

“ Olá amiguinhos estão bons? O que já descobriram sobre a cidade de Coimbra? Lembrem-se da última vez que aí estive, deixei uma mochila muito grande! Já exploram tudo o que esta lá dentro? Deviam ir lá espreitar! Depois digam-me alguma coisa.”

Dentro da mochila encontravam-se três embrulhos, um para cada sala que continham uma fotografia do circo no parque verde, uma fotografia do autocarro 37 e duas penas. Na mochila estava ainda um livro de receitas, que tinha marcado para a “sala das tartarugas” a receita de “Pastéis de Santa Clara”, para a “sala dos caracóis” a receita de “Chanfana de Coimbra” e para a sala dos leões a receita de “Migas de Nabiça” (Apêndice IV). A partir de todos estes objetos encontrados na mochila do Wally, as crianças foram investigar com as famílias de onde seriam e para que serviriam aqueles objetos.

7.2.3 – Fase III: Execução (início das investigações em campo, das discussões em grupo e das descobertas)

Quando as crianças trouxeram para o jardim-de-infância, as respostas encontradas com as famílias, foram criados três grande grupos, cada criança escolheu o grupo a que gostaria de pertencer e assim nasceram o “projeto dos aquáticos, terrestres e aéreos”, o “projeto dos animais” e o “projeto dos alimentos”, e cada projeto ficou responsável por aprofundar as descobertas sobre os objetos que lhe pertencia (Apêndice V). As aprendizagens desenvolveram-se então através de brincadeiras, jogos, experiências, pinturas, investigações e troca de opiniões/ideias (Apêndice VI). Todavia as aprendizagens e descobertas das crianças não ficaram apenas e só nos projetos em que estavam inseridas, exemplo disso mesmo foram os plenários realizados em que cada projeto dava a conhecer as investigações e descobertas que tinham realizado, existindo a possibilidade de as crianças trocarem ideias e opiniões entre si e de esclarecerem alguma dúvida/questão que tivessem.

Também as visitas de estudo realizadas (Apêndice VII) foram bastante úteis no desenvolvimento do projeto, não só por terem contribuído para fazer uma espécie de ponte, por assim dizer, entre as aprendizagens realizadas e o meio envolvente e vice-versa, mas acima de tudo porque fazia todo o sentido que as crianças tivessem contato com as pessoas que compõem a cidade, para que entendessem verdadeiramente, que para além do seu núcleo mais familiarizado, existem outras pessoas na cidade, que não mantendo uma relação direta com a criança também são importantes na vida da cidade. Exemplo disto mesmo foi a visita ao Mercado Municipal D.Pedro V, que poucas crianças conheciam, ao entrarem no mercado e contatarem com todo aquele mundo, que até

então lhes era completamente estranho, despertou nas crianças uma capacidade nata de questionarem tudo à sua volta, surgindo diversas questões (de onde vem isto tudo; o que é que estas senhoras fazem; por que é o mercado assim, entre muitas outras). Toda esta experiência e os resultados que com ela surgiram, só vieram reforçar ainda mais a importância de as crianças de facto vivenciarem as situações na primeira pessoa.

De modo a dar resposta a todo o trabalho das crianças desenvolvido ao longo do projeto, e à necessidade que as próprias transmitiram em ter um espaço para guardar tudo o que foram explorando e construindo, surgiu a “sala mágica”, que é um *atelier* do jardim-de-infância que foi totalmente remodelado com a ajuda das crianças (Apêndice VIII), e que é uma espécie de sala da transformação que contém dentro dela diferentes espaços da vida de uma cidade, daí as crianças lhe terem dado o nome de “sala mágica”, pois é um espaço onde eles entram e se podem transformar naquilo que quiserem, pois tudo faz parte das vivências de uma cidade e é precisamente aqui que está envolvida a criança e a magia do brincar, pois através do brincar a criança desenvolve e aprende.

7.2.4 – Fase IV: Divulgação e Avaliação (dá a conhecer a toda a comunidade escolar e famílias o trabalho realizado, assim como permite a identificação de aspetos positivos e negativos, que decorreram no desenrolar do projeto).

A divulgação do projeto “Coimbra à Vista - Várias vidas, uma cidade”, às famílias das crianças, foi sendo realizada ao longo do desenvolvimento do mesmo, através do pedido de colaboração nas

descobertas realizadas em casa, e através dos painéis de documentação (Apêndice IX) expostos no jardim-de-infância, de modo a permitir às famílias um maior acompanhamento nas experiências e aprendizagens das crianças. O projeto foi também dado a conhecer na íntegra, através de um plenário, realizado no jardim-de-infância e que teve a presença das famílias das crianças, e onde as crianças deram a conhecer todo o trabalho que desenvolveram no decorrer do projeto. No final do plenário, as famílias foram ainda convidadas a participar numa série de atividades conjuntas com as crianças e a visitar a sala mágica (Apêndice X).

Considerámos de extrema importância envolver as famílias no projeto que estávamos a desenvolver, pois “Os pais ou encarregados de educação são os responsáveis pela criança e também os seus primeiros e principais educadores. (...) os efeitos da família na educação pré-escolar estão intimamente relacionados com a articulação com as famílias. Já não se procura compensar o meio familiar, mas partir dele e ter em conta a(s) cultura(s) de que as crianças são oriundas, para que a educação pré-escolar se possa tornar mediadora entre as culturas de origem das crianças e a cultura de que terão de se apropriar para terem uma aprendizagem com sucesso” (Ministério da Educação, 1997, pág.22).

A avaliação do projeto foi sendo realizada no decorrer do mesmo, através da observação, da documentação, que inclui diversos tipos de registo (gráfico, áudio, entre outros), e das reflexões individuais, em grupo com as minhas colegas de estágio, com a equipa de educadores cooperantes e com as crianças, uma vez que, “Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução”

(Ministério da Educação, 1997, pág.27), e foi isto mesmo, que ao longo de todas as sessões de implementação do projeto, tentámos realizar.

Sempre tivemos o cuidado de refletir identificando pontos-fortes e pontos-fracos, de modo a conseguirmos combater o que tinha corrido mal e reforçar o que de melhor ocorreu, adaptando desta forma a nossa prática profissional às necessidades encontradas no dia-a-dia, pois só assim conseguimos ter a verdadeira perceção sobre o que as crianças mais gostaram de desenvolver, sobre o que não gostaram ou deveria ter sido realizado de maneira diferente, e sobre as experiências que as crianças realizaram e que resultaram nas aprendizagens.

8 – O Espaço

“O ambiente é visto como algo que educa a criança; na verdade, ele é considerado o “terceiro educador” (...) A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção do seu conhecimento. Tudo o que cerca as pessoas na escola e o que usam – os objetos, os materiais e as estruturas – não são vistos como elementos cognitivos passivos, mas, ao contrário, como elementos que condicionam e são condicionados pelas ações dos indivíduos que agem nela.” (Edwards, Gandini e Forman, 1999 pág. 157).

8.1 – O espaço como fomentador de aprendizagens

A criança explora e descobre o que está ao seu redor, através das suas próprias experiências com o meio, e quanto mais “rico” for o meio que a envolve, mais valiosas se tornarão as aprendizagens realizadas, desta forma, o espaço em que a criança brinca, explora e aprende, assume um papel fundamental enquanto provocador de situações de desenvolvimento, na medida em que se tem que transformar, num “lugar para o(s) grupo(s) mas também para cada um, um lugar para brincar e para trabalhar, um lugar para a pausa, um lugar que acolhe diferentes ritmos, identidades e culturas”, (Oliveira-Formosinho, 2011, pág. 11).

De modo a que se torne possível a exploração de todas estas situações, devem ser tomadas em consideração pelos educadores de infância, um conjunto de ações que permitam às crianças uma aprendizagem, a mais variada possível, sendo estas:

- Os espaços da sala (cantinhos) devem ser organizados pelas crianças, e renovados sempre que necessário;
- Os materiais devem estar ao alcance da criança, de modo a que esta possa usufruir dos mesmos autonomamente;
- Os materiais expostos devem ainda ser versáteis e permitir à criança que realize o máximo de explorações possível, no seu manuseamento;
- Deve ser mantida uma boa organização do espaço, que possibilite à criança deslocar-se livre e autonomamente pelo local;

- Devem estar ainda afixadas tabelas, ou materiais equivalentes, que forneçam informações à criança e lhe permitam situar-se no tempo e no espaço.

É todo o conjunto de situações acima mencionadas, que vão permitir que a qualidade do ambiente que rodeia a criança na escola seja positivo ou não, como tal espera-se que num ambiente positivo, seguro e de confiança, todos estes aspetos sejam cumpridos, de forma a garantir também a qualidade das relações que por lá se desenvolvem.

8.2 – O atelier em *Reggio Emilia*

Na abordagem pedagógica *Reggio Emilia*, o espaço é considerado o “terceiro educador” precisamente pela qualidade das aprendizagens que proporciona.

Também as interações adulto – criança e criança – criança, dependem bastante do que o próprio espaço lhes proporciona, pois é no seio deste que se vão desenvolver, diálogos, discussões, brincadeiras, enfim todo um conjunto de interações, que possibilitará as mais variadas aprendizagens. Se o espaço não proporcionar a partilha, o diálogo e a convivência entre todos, a aprendizagem da criança será bastante prejudicada. E é precisamente por isto que o *atelier em Reggio Emilia*, assume uma posição tão importante, tal como já referi anteriormente, precisamente pelo proporcionar de interações próximas entre o educador de infância e pequenos grupos de crianças, ao mesmo tempo que se realizam as aprendizagens.

O *atelier* assume-se então como sendo “uma oficina, ou estúdio utilizado por todas as crianças e adultos da escola” (Edwards, Gandini e Forman, 1999 pág. 152), que permitem o desenvolvimento de curiosidades que as crianças demonstrem sobre determinada temática, envolvidos em equipas de trabalho de pequenos grupos

8.3 – O trabalho no *atelier*

Durante a minha experiência de estágio, foram diversos os momentos em que pude acompanhar as crianças nas suas explorações nos ateliês. No jardim-de-infância existiam dois ateliês, um era dedicado essencialmente à expressão plástica e o outro à expressão dramática, sendo que as aulas de expressão musical e de inglês se realizavam neste último.

Enquanto futura profissional da educação pré-escolar, foi-me permitido vivenciar todo o sentido de expressividade da criança no trabalho realizado em ambos os ateliês.

Do acompanhamento e das intervenções que tive oportunidade de realizar em ambos os ateliês, posso constatar que é uma experiência bastante positiva, pois as crianças conseguiam manter-se envolvidas nas tarefas que estavam a concretizar durante um maior período de tempo, o que se tornava bastante produtivo nas experiências, descobertas e aprendizagens realizadas. O *atelier* transmitia às crianças um sentido de “encanto” que os envolvia, o que desta forma se tornava numa fonte de motivação para as crianças, pois enquanto educadores de infância, “Temos que nos convencer de que é essencial preservar nas crianças (e

em nós mesmos) o sentido de encantamento e surpresa, pois a criatividade, assim como o conhecimento, é filha da surpresa” (Gandini et al., 2012, Pág.24) e o *atelier* reunia todas estas situações.

9 - A Documentação

“Nós somos o que sabemos, nós somos o que queremos aprender, isto estabelece uma regra muito importante sobre a documentação. A documentação em síntese é um ato de amor, através do qual o educador se aproxima da criança, se aproxima dos grandes esforços que a criança realiza, mas também se descobrem os próprios processos de aprendizagem enquanto professor” (Rinaldi, C., s.d., in vídeo de Thinkers, A.).

9.1 – A documentação em *Reggio Emilia*

A documentação na abordagem pedagógica *Reggio Emilia* caracteriza-se por ser a recolha e registo de informação relativa às aprendizagens da criança, que não só define, mas também permite identificar e tornar visíveis os processos de aprendizagem da criança. A documentação torna-se assim num instrumento de trabalho fundamental, cujo objetivo principal é dar visibilidade às crianças, no decorrer das suas descobertas e aprendizagens, surgindo então associada ao registo gráfico, fotográfico, audiovisual, escrito, entre outros, que permite identificar o caminho percorrido pela criança, no desenvolvimento de algo com grande significado para a própria e onde está bem presente todo o seu envolvimento e empenho, nas descobertas e aprendizagens que realizou.

Ainda assim a documentação não é um instrumento que surge apenas associado à criança, pois os processos de aprendizagem refletidos pela documentação, levam o educador de infância a procurar ir cada vez mais ao encontro das necessidades e interesses das crianças, e isso faz com que reflita as suas próprias práticas pedagógicas e as modifique para dar resposta às expectativas das crianças, moldando a sua própria forma de estar, para garantir que os processos de aprendizagem das crianças são desenvolvidos por elas próprias com a sua orientação, mas não com a sua intervenção abusiva, (Kinney e Wharton, 2009).

Já abordei anteriormente a importância da observação e da escuta, no sentido de dar voz à criança e encará-la como sujeito ativo na sua própria aprendizagem, a documentação surge assim, como afirmação a esta situação, pois permite que as produções das crianças sejam acompanhadas dos seus próprios comentários e reflexões. A

documentação é acima de tudo um agrupar de experiências e aprendizagens, entre crianças e educadores, que são posteriormente partilhadas com os encarregados de educação, famílias e restante comunidade.

9.2 – A Documentação e Comunidade Escolar

Na minha experiência de estágio, foi visível a ligação existente com a documentação, todos os trabalhos expostos na instituição, estavam acompanhados da respetiva informação, que continham os mais diversos tipos de registo, permitindo às famílias um acompanhamento e envolvimento nas aprendizagens das crianças. O envolvimento das famílias das crianças, nas aprendizagens desenvolvidas no jardim-de-infância, não se remetem apenas a intervenções quando solicitados para tal, mas sim, a uma colaboração diária que as torna também em agentes educativos dentro do jardim-de-infância, e é precisamente por isto que a documentação se torna tão importante nesta relação, pois permite que independentemente do horário a que possam ir levar ou buscar as crianças ao jardim-de-infância, consigam estar sempre informadas das aprendizagens realizadas e colaborar no desenvolvimento das mesmas.

Eu e as minhas colegas de estágio, sempre tivemos presente, a importância da documentação no dia-a-dia das crianças que estávamos a acompanhar, ainda assim, inicialmente sentimos algumas dificuldades na recolha dos comentários das crianças, principalmente quando realizados em conversas de grande grupo, onde existia um diálogo a decorrer e nem sempre conseguíamos registar tudo o que as crianças diziam, pois entre a

preocupação na realização desse registo e a atenção dada à criança no momento, optávamos sem dúvida por esta última. No entanto, esta dificuldade foi sendo ultrapassada com o tempo, e o facto de termos sempre connosco um bloco de apontamentos, onde pudéssemos registar as convicções das crianças, também ajudou a ultrapassar este obstáculo.

Durante o período de tempo em que realizámos o projeto “Coimbra à Vista – Várias vidas uma cidade”, sempre tivemos o cuidado de afixar semanalmente os resultados das investigações e descobertas realizadas, nos painéis de documentação, que permaneciam afixados no hall de entrada do jardim-de-infância, de modo a que toda a comunidade educativa pudesse ter acesso às aprendizagens realizadas.

9.3 – O Portefólio da Criança

No decorrer do meu estágio foi-me permitido ter contato com as mais diversas formas de documentação, e tendo noção de que a documentação é por si só bastante importante, considero que a construção do portefólio da criança se torna imprescindível para identificar as aprendizagens realizadas, pois nele está descrito todo o caminho percorrido no desenvolvimento das mesmas. O portefólio é construído pela criança, com o apoio do educador de infância e tem grande significado para ambos, pois através da consulta do portefólio, a criança consegue facilmente identificar os seus próprios processos de aprendizagem, ao mesmo tempo que ao educador de infância é permitida uma análise das suas próprias intervenções, permitindo-lhe realizar uma

reflexão sobre as mesmas, que se tornam essenciais para melhorar a sua prática pedagógica.

No jardim-de-infância onde decorreu o meu estágio, o portefólio da criança continha os registos individuais, significativos para cada criança, do qual faziam parte, desenhos, fotografias, trabalhos realizados em casa, objetos vindos do exterior, a descrição dos projetos em que a criança estava envolvida, entre outros, acompanhados da respetiva ficha de identificação, a qual transmitia informação sobre o porquê de ter significado para a criança e os comentários desta e uma reflexão por parte da educadora de infância.

A partilha do portefólio com as famílias das crianças também se torna essencial, exemplo disto mesmo, foi a reunião a que eu e a minha colega de estágio tivemos oportunidade de assistir, entre o educador de infância e as famílias das crianças, na qual, foi entregue às famílias o portefólio, para que o pudessem consultar, ao mesmo tempo que iam sendo abordadas individualmente pelo educador, para debaterem em conjunto as aprendizagens desenvolvidas pelas crianças. Considero este facto bastante importante, pois permite às famílias o conhecimento das aprendizagens das suas crianças, e do que estas consideram significativo, ao mesmo tempo que proporciona ao educador de infância recolher as apreciações das famílias sobre todo o trabalho desenvolvido até então.

9.4 – A documentação como reflexão do processo educativo

Refletir as ações realizadas permite a identificação dos aspetos positivos e negativos destas mesmas ações e com isto permite o reforço dos aspetos positivos e o melhoramento dos aspetos negativos. A

documentação como reflexão do processo educativo surge não só ligado às experiências das crianças, mas também como identificação dos aspetos positivos e negativos da prática educativa do educador de infância.

Enquanto estagiária, no momento das minhas intervenções com o grupo nem sempre me apercebia de certas situações, que aquando da reflexão através da documentação pareciam bastante óbvias. As reflexões realizadas em conjunto com as minhas colegas de estágio e a equipa de educadores cooperantes, sempre nos permitiu melhorarmos as nossas práticas profissionais, de umas intervenções para outras, exemplo disto mesmo, é o diálogo que a seguir transcrevo, referente a uma sessão do projeto “Vamos pintar a casinha do quintal”:

Quadro 8 – Conversa de grupo, no Projeto “Vamos pintar a casinha do quintal”.

- Já decidiram de que cores vão pintar a casinha do quintal?

L.L. Sim vai ser de amarelo, branco e azul. Se eu quiser pintar as janelas de outra cor, gasto muita tinta.

J. Se for azul íamos gastar um lata de tinta, se quisermos pintar por cima do azul, amarelo, gastamos 3 latas de tinta, por isso é que a casinha vai ficar azul, branca e amarela.

M. M. Para que são estas folhas? (apontou para as folhas de papel que estavam em cima da mesa)

- Estas folhas vão servir para o nosso trabalho de hoje. De um lado vamos desenhar a casinha como ela é, e do outro lado, desenhámos como gostaríamos que ela fosse. Mas isso ser só mais daqui a pouco.

J. Isso vai ser muito bom!

(Entretanto o S. chegou)

M. Alguém quer explicar ao S. o que estávamos a conversar?

J. Olha S. (ao mesmo tempo que agarra numa das folhas), deste lado é para fazer a casinha como ela é, e do outro lado é para fazer como queríamos as cores.

(A conversa terminou por aqui, pois as crianças decidiram fazer os desenhos)

Quando iniciámos esta sessão, eu e a minha colega de estágio, tínhamos planificado, ter uma conversa com as crianças sobre as cores com que queriam pintar a casinha e sobre o que cada uma pensava disso, pedindo posteriormente às crianças que desenhassem em metade de uma folha a casinha tal como ela estava, e na outra metade a casinha como eles gostariam que ficasse no final do projeto. Apenas o facto de estas mesmas folhas estarem em cima da mesa, onde estávamos a ter esta conversa, e as crianças as terem visto, condicionou toda esta sessão no sentido de que as crianças direccionaram toda a sua atenção apenas e só para o desenho que iriam realizar, sendo impossível voltar à conversa inicial. No momento, permitimos que as crianças comesçassem a elaborar os seus desenhos, e considero que foi a atitude correta, pois era nos desenhos que as crianças tinham focalizado a sua atenção, mas com a reflexão desta documentação, apercebemo-nos, que não fossem as folhas estarem em cima da mesa, ao alcance das crianças, provavelmente teríamos conseguido debater com mais intensidade a questão das cores da casinha, algo que naquela sessão já não pôde ser realizado. Focámo-nos então nas sessões seguintes e combinámos, que sempre que precisássemos de integrar um qualquer objeto nas sessões, este apareceria sempre no decorrer da conversa com o grupo e não no início, pois já sabíamos que isto condicionaria o resto da sessão.

A documentação surge assim como um importante instrumento do processo educativo, no qual o educador de infância tem a oportunidade de rever todas as suas práticas e direccionar as suas futuras intervenções com o grupo, de modo a proporcionar experiências cada vez mais significativas, pois “os princípios orientadores da abordagem à documentação requerem que os relacionamentos entre adultos e crianças

sejam recíprocos, colaborativos, amigáveis, de pesquisadores unidos e, acima de tudo, “sintonizados” uns com os outros”, (Kinney e Wharton, 2009, pág. 29).

10 - Considerações Finais

O estágio foi acima de tudo para mim um processo de aprendizagem bastante enriquecedor, entrei no jardim-de-infância, sem conhecer o modelo pedagógico *Reggio Emilia*, e no entanto, contatar com esta abordagem tornou-se numa grande surpresa, até porque no início estava um pouco séptica em aceitar se tudo aquilo que eu tinha lido sobre a abordagem se conseguiria tornar exequível. A minha dúvida principal situava-se com a criança em si, pois numa primeira leitura acerca do funcionamento de *Reggio Emilia*, apercebi-me de toda uma ação em grupo que me levou a questionar, se todo este processo desenvolveria a criança apenas enquanto elemento de um grupo/sociedade, e caso a resposta fosse negativa, onde pairava então a sua própria individualidade. Continuando com a pesquisa e tendo a possibilidade de observar o dia-a-dia de um grupo de crianças na abordagem *Reggio Emilia*, percebi que a criança partilha com o grupo, os seus interesses, aquilo que lhe chama mais a atenção e ao exprimir isso para o grande grupo, a criança não está apenas a desenvolver a sua capacidade de expressão no seio de um grupo, desenvolve muito mais que isso, pois antes que seja possível partilhar o que quer que seja com alguém, é necessário que sinta confiança em si própria para o fazer, assim, o que parece ser o simples ato de partilhar com o grande grupo, a meu ver representa a autoconfiança que a criança tem nela própria, assim como o desenvolvimento das capacidades de interação e partilha.

No decorrer do meu processo formativo, foram diversas as ações realizadas, todas elas me transmitiram algo e foram importantes para a

minha aprendizagem, enquanto futura profissional da educação pré-escolar, assim passo a referenciá-las:

- As conversas informais permitiram-me chegar a todas as crianças do grupo, por assim dizer, de uma forma mais direta, sem pressões, percebendo e identificando os interesses de cada um, e fortalecendo a relação de confiança entre criança-adulto.
- As conversas de grande e pequeno grupo ajudaram-me a perceber de que modo é que as aprendizagens se refletiam em cada criança, pois estas conversas tinham por base a partilha e expressão de opiniões.
- O envolvimento nos projetos proporcionou-me um contato diferenciado com as motivações de cada criança e com as diferentes aprendizagens que resultaram do decorrer dos diferentes projetos.
- O desenvolvimento de atividades, permitiu-me preparar e desenvolver atividades para e com as crianças, tendo sempre em consideração os seus próprios interesses, pois tenho consciência de que só assim as conseguiria motivar, de modo a que o seu envolvimento nas mesmas se tornasse positivo.
- A documentação, que se caracteriza por ser a recolha e registo de informação relativa às aprendizagens da criança, também me possibilitou identificar e tornar visíveis os processos de aprendizagem da criança.

- As reflexões permitiram-me acima de tudo ganhar consciência sobre tudo o que fui realizando, ajudando-me a identificar aspetos positivos e negativos das minhas intervenções. De referir ainda que as reflexões foram realizadas com as crianças, com as minhas colegas de estágio e individualmente.
- O acompanhamento, do dia-a-dia de um grupo de crianças e das suas vivências no jardim-de-infância, seguindo a abordagem pedagógica *Reggio Emilia*, permitiu-me o contato real com a prática da educação de infância.

Todas as ações concretizadas serviram para dar ênfase ao grupo de crianças e foram fundamentais na identificação de interesses e necessidades de cada um, permitindo-me adequar as minhas intervenções de acordo com esses mesmos interesses e necessidades. Na minha opinião só realizando todas as ações de conversas, envolvimento, desenvolvimento de atividades, documentação, reflexão e acompanhamento, se tornou possível para mim, construir uma relação de confiança com o grupo, refletindo diversas vezes sobre o que as crianças iriam gostar ou não de desenvolver, se adeririam ou não a uma determinada atividade, entre outros. Após ter passado por toda esta experiência, tenho muito mais consciência do porquê ser também, tão importante a observação do grupo com o qual estamos a trabalhar, pois foi a observação que me permitiu conhecer o grupo e as suas potencialidades, retirando destas o máximo de informação de modo a garantir o interesse e envolvimento das crianças nas atividades propostas, uma vez que, “as crianças nos dão informações de várias maneiras diferentes (...) isto significa ouvir ativamente e observar as reações e respostas das crianças” (Kinney e Wharton, 2009, pág.23).

O brincar também se tornou essencial para conhecer e interagir com cada criança individualmente. Retirei desta experiência não só o conhecimento das brincadeiras preferidas das crianças, mas acima de tudo a partilha de sorrisos, a cumplicidade e o divertimento espontâneo, pois deu-me a oportunidade de me colocar ao nível da criança, trabalhando desta forma, a minha aceitação e integração por parte do grupo, e contribuindo para que as crianças ganhassem confiança em mim. Assim penso que, o acompanhamento das brincadeiras das crianças, não deve acontecer apenas nos primeiros dias, mas sim sempre que for possível, pois creio que acima de tudo, brincar com as crianças se torna num momento de partilha, em que através da experimentação de diferentes situações do faz de conta, a criança representa os seus próprios sentimentos, pois as brincadeiras são também uma forma de expressão, na medida em que permitem à criança a partilha da felicidade, de medos e de receios que esta sinta em relação a algo. Ao exprimir-se desta forma, a criança está também a libertar-se e eu, enquanto futura profissional da educação pré-escolar, estou a conhecê-la melhor e a dar-me a conhecer.

As colegas de estágio com quem trabalhei em conjunto e desenvolvemos um projeto que inseriu a participação de três salas do jardim-de-infância, foram um grande apoio no desenvolvimento de todo este processo de aprendizagem, na minha opinião, trabalhámos muito bem em equipa, conseguimos realizar tudo aquilo a que nos tínhamos proposto, sem nunca esquecer o mais importante para todas nós, as crianças. Foi por elas e para elas que tantas reflexões em conjunto fizemos, sobre o que correu bem, menos bem, o que havia para melhorar, partilhámos sempre como estavam a decorrer as atividades em que estávamos inseridas, planificámos sempre em conjunto, enfim existiu

uma cumplicidade muito grande entre nós as quatro, pois o nosso objetivo era comum: dar resposta aos interesses e necessidades das crianças.

Ao longo das minhas intervenções com o grupo, tentei sempre partir daquilo que a criança já conhece sobre um determinado assunto, para conseguir aprimorar o desenvolvimento das aprendizagens das crianças sobre esse mesmo assunto, pois “o conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que esta sabe e é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades” (Ministério da Educação, 1997, pág. 25). Tudo o que realizei e aprendi tornou-se bastante importante no desenvolvimento das minhas capacidades, ainda assim, a implementação do projeto “Coimbra à Vista – Várias vidas uma cidade” foi um marco no meu estágio, pois tive a oportunidade de implementar um projeto que fosse ao encontro dos interesses e necessidades das crianças.

Aprendi que a versatilidade de um projeto permite-me chegar mais longe, no que diz respeito, ao conhecimento do grupo com que estou a trabalhar e de mim própria enquanto profissional da educação pré-escolar e isso faz com que esteja mais atenta ao grupo, pois é através da partilha de uma curiosidade que uma criança tenha em relação a algo, que se poderá dar início ao desenvolvimento de um projeto. O trabalho por projetos tem desta forma uma grande incidência no desenvolvimento da criança, pois, promove a sua autonomia, “ensinando-a” a pensar e a encontrar soluções para ultrapassar os obstáculos encontrados, ao mesmo tempo que impulsiona a liberdade e o poder de decisão, pois a criança é capaz de tomar as suas próprias decisões para desenvolver o projeto,

tendo liberdade para avaliar se o que está a produzir vai ou não funcionar na realidade.

O trabalho por projetos tem também uma grande envolvência por parte do educador de infância, pois este é um guia, cuja função principal é permitir que as crianças sejam proactivas no seu próprio desenvolvimento, no entanto, o educador tem que ter consciência que nem tudo pode ficar ao encargo da criança, daí que seja necessário que este realize algumas intervenções, que por mais discretas que sejam se tornam essências para a motivação e envolvência do grupo no trabalho a desenvolver. Antes de mais o educador de infância terá de saber distinguir interesses reais que poderão certamente conduzir o grupo à realização de projetos, de curiosidades momentâneas por parte das crianças, que ao satisfazerem a sua curiosidade, ficam esclarecidas e perdem o interesse pelo que se segue. O educador de infância deverá também proporcionar diferentes possibilidades de desenvolvimento, abrindo horizontes e revendo as suas próprias estratégias, de modo a permitir às crianças alargar o seu nível de conhecimentos. Por fim, resta-me reforçar mais uma vez que o trabalho por projetos é bastante importante para o desenvolvimento das crianças, pois permite-lhes aprofundar a compreensão do ambiente que está ao seu redor, tornando este aprofundar de conhecimentos numa agradável experiência de aprendizagem.

Considero neste sentido, que a abordagem *Reggio Emilia*, se tornou num verdadeiro desafio às minhas próprias capacidades, pois o educador de infância tem um papel fundamental na criação de um ambiente educativo acolhedor no sentido de proporcionar à criança a oportunidade

desta se expressar sem medos e de fomentar no restante grupo a consideração pelas opiniões dos colegas.

Pessoalmente foi muito positivo enquanto estagiária ter feito parte de tudo isto, mas a maior aprendizagem de todas, refere-se ao assumir o papel da criança enquanto sujeito ativo da sua própria aprendizagem, e à ideia central de que as crianças são capazes. É esta a aprendizagem que quero transpor para o meu dia-a-dia enquanto profissional da educação de infância, valorizando a criança por aquilo que é, pelo que sabe, e pela manifestação dos seus interesses e necessidades. Terminei este estágio, não a saber tudo, mas a ter muito mais consciência e noção de que dar voz às crianças não se resume a permitir que estas falem e a eventualmente escutar o que dizem, mas sim a valorizar o que as crianças expressam, de modo a enriquecer as suas experiências no jardim-de-infância, pois “admitir que a criança desempenha um papel activo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objecto do processo de aprendizagem”, (Ministério da Educação, 1997, pág. 19).

11 - Fontes de Informação

11.1 - Bibliografia

Edwards, C., Gandini, L. e Forman, G. (1999). “As cem linguagens da criança”. Artmed. Porto Alegre.

Gandini, L. et al. (2012). “O papel do ateliê na educação infantil – A inspiração de Reggio Emilia”. Penso. Porto Alegre.

Hohmann, M. e Weikart D. (2009). “Educar a Criança”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Katz, L. e Chard, S. (1997) “A Abordagem de Projecto na Educação de Infância”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Kinney, L. e Wharton P. (2009). “Tornando visível a aprendizagem das crianças”. Artmed. Porto Alegre.

Leite, E., Malpique, M. e Santos, M. (1989) “Aprender por projectos centrados em problemas”. Edições Afrontamento. Porto.

Ministério da Educação. (2012). “Trabalho por Projectos na Educação de Infância”. Lisboa.

Ministério da Educação. (2000). “A Educação Pré-escolar e os Cuidados para a Infância em Portugal”. Lisboa.

Ministério da Educação, (1998). “Qualidade e Projecto na Educação Pré-escolar”. Lisboa.

Ministério da Educação. (1997). “Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar”. Lisboa.

Oliveira-Formosinho, J. (2008). “A Escola Vista pelas Crianças”. Porto Editora. Porto.

Oliveira-Formosinho, J. (2011). “O espaço e o tempo na Pedagogia-em-Participação”. Porto Editora. Porto

11.2 – Webgrafia

Thinkers, A. (2012) “Carla Rinaldi in Documentation”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hUVi-fLcozA>. Consultado em 23 de Maio de 2013.

Fino, C. (2001) “Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)”. Disponível em: <http://www.uma.pt/ZonaDesenvolvimentoProximal/Vygotsky.pdf>. Consultado em 10 de Agosto de 2013.

11.3 – Legislação

Decreto-lei nº 241/2001 de 30 de Agosto. Diário da República nº 201/2001 – Perfis específicos do desempenho profissional do Educador de Infância e do Professor do 1º ciclo do Ensino Básico. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro. Diário da República nº34/1997 - Lei-quadro da Educação Pré-escolar. Ministério da Educação. Lisboa.

Apêndices

Apêndice I - Fotos dos espaços da sala das “Tartarugas”



Figura 1 - Espaço Informática



Figura 2 - Espaço da Investigação/Ciências



Figura 3 - Espaço Loja



Figura 4 - Espaço Casa de Madeira



Figuras 5 e 6 - Espaço Casinha



Figuras 7 e 8 - Espaço Jogos de Mesa



Figura 9 - Espaço Tapete

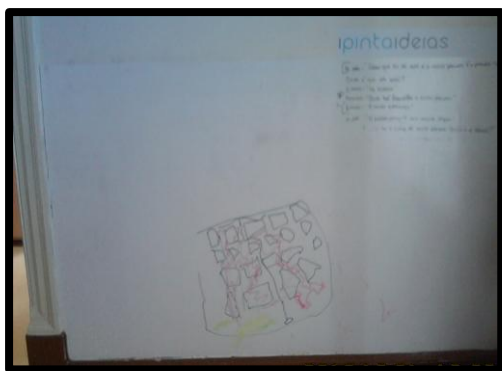


Figura 10 - Espaço Pinta Ideias



Figura 11 - Espaço Quadro de Ardósia



Figuras 12 e 13 - Atelier da Sala

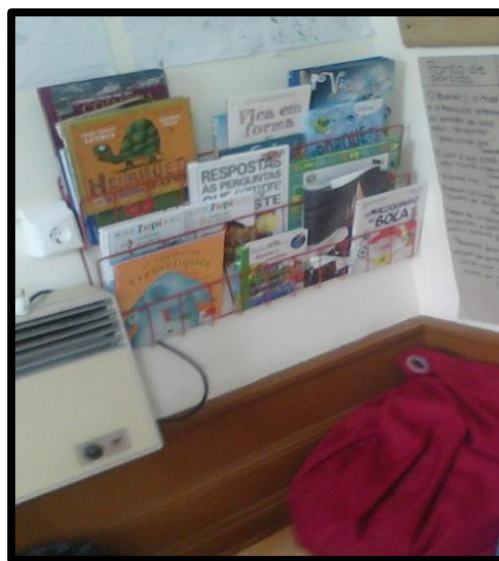


Figura 14 - Espaço "Time Out"



Figura 15 - Espaço de Relaxamento

Figura 16 - Espaço Biblioteca

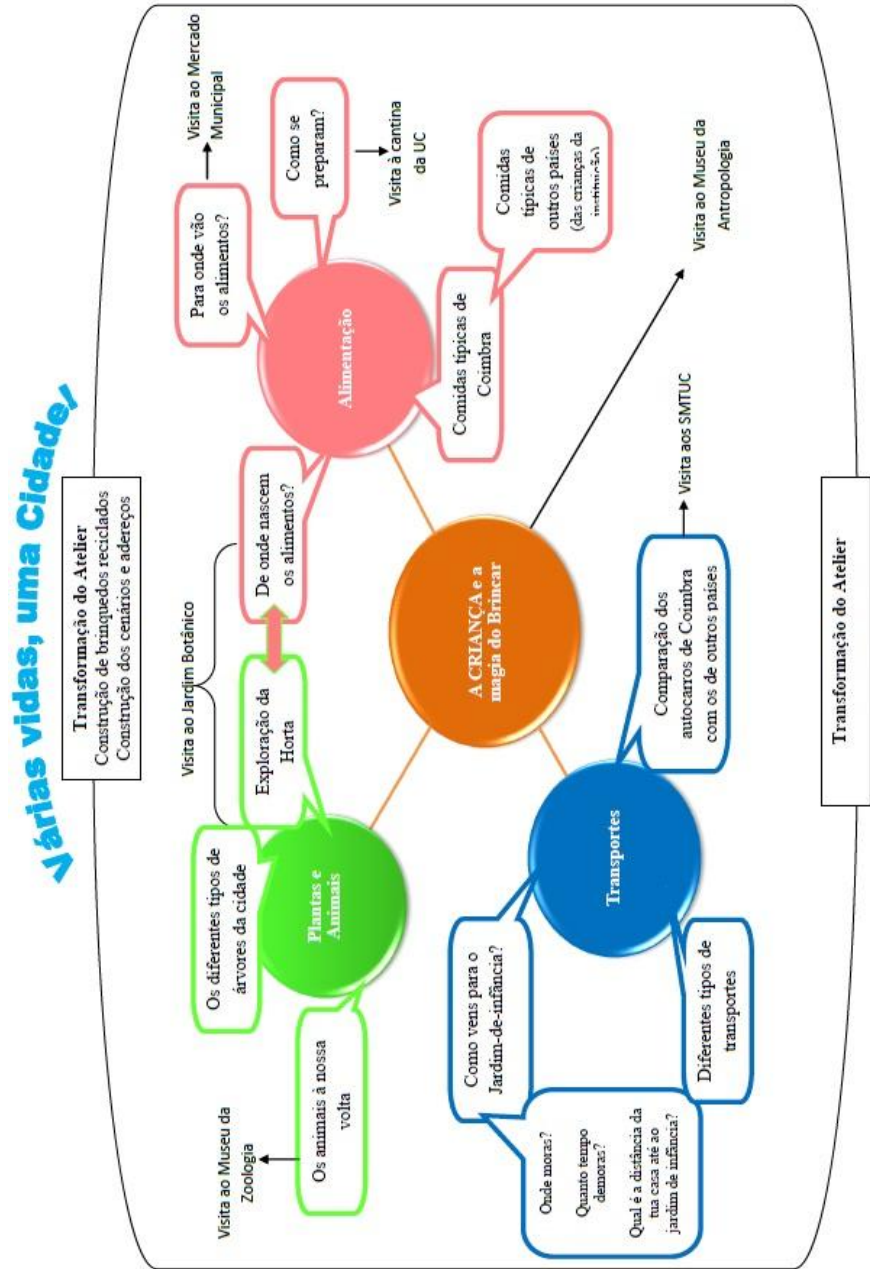


Apêndice II – Rotina do Grupo

Tabela 1 - Rotina do Grupo "tartarugas"

Horas:	Atividade:
08h00	Abertura da instituição
09h30	Acolhimento na sala de atividades
10h00	Atividades de desenvolvimento e aprendizagens letivas
11h30	Higiene
11h45	Almoço
12h30	Higiene
12h45	Descanso
14h30	Higiene
14h45	Atividades de desenvolvimento e aprendizagens letivas
15h50	Higiene
16h00	Lanche
16h30	Atividades Livres
18h30	Encerramento da Instituição

Apêndice III – Teia de Conceitos



Apêndice IV – Fotos do Lançamento do Projeto “Coimbra à Vista – Várias vidas uma cidade”



Figuras 17 e 18 - Mensagem do “Wally”.

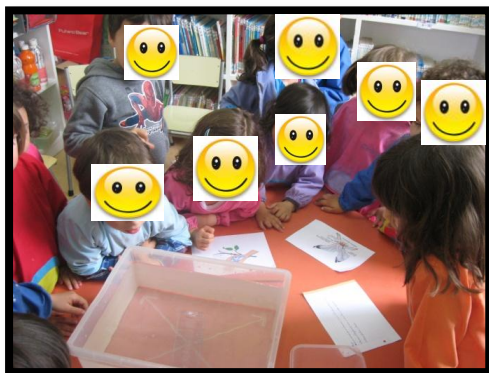


Figuras 19 e 20 – Objetos descobertos na mochila do “Wally”.

Apêndice V – Fotos de Trabalhos realizados por Grupos



Figuras 21 e 22 – Trabalho de grupo no “Projeto dos Alimentos”



Figuras 23 e 24 – Trabalho de grupo no “Projeto dos Animais”



Figuras 25 e 26 – Trabalho de grupo no “Projeto dos aquáticos, terrestres e aéreos”

Apêndice VI – Planificações

Planificação 1ª semana

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Projeto/ Ponto de partida	Área/Espaço	Organização do Grupo	Objetivos	Estratégias/Atividades	Avaliação
Lançamento do Projeto	Salão Salas de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Ativar a capacidade de concentração e observação; o Fazer ouvir as necessidades e interesses das crianças; o Proporcionar momentos de cooperação e respeito pela opinião de cada criança; o Estimular a linguagem oral; o Envolver as famílias nas aprendizagens das crianças. 	<p>Visionamento da mensagem do Wally</p> <p>Descoberta e exploração dos objetos deixados pelo Wally</p> <p>Partilha das vivências e conhecimentos de cada criança</p> <p>Mensagem para as famílias investigarem em casa (chanfana de Coimbra, migas de nabiças de Coimbra, pastéis de Santa Clara; penas brancas; número dos autocarros)</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Divisão dos grupos	Salas de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Apresentar oralmente as novas descobertas; o Evidenciar os interesses individuais; o Agrupar por interesses e necessidades. 	<p>Partilha das descobertas realizadas em família</p> <p>Organização dos grupos (alimentação, transportes, plantas e animais)</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Documentação</p>
Preparação da visita ao Jardim Botânico	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Fomentar a inserção das crianças em grupos diversos; o Despertar a curiosidade e o pensamento crítico; o Fazer ouvir as crianças relativamente às suas expectativas, interesses e curiosidades; o Promover o respeito pela opinião uns dos outros; o Revelar curiosidades acerca do Jardim Botânico. 	<p>Conhecimento dos interesses e necessidades das crianças por grupos</p> <p>Preparação da visita ao Jardim Botânico</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Documentação</p>

Ana Margarida Jorge - Cláudia Lopes - Daisy Louro - Diana Figueiredo | **Semana de 10-04-2013 a 12-04-2013**

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Projeto/ Ponto de Partida	Área/Espaço	Organização do Grupo	Objetivos	Estratégias/Atividades	Avaliação
Alimentação Animais e plantas Transportes	Jardim Botânico Sala de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Adquirir novos conhecimentos, através da exploração, do meio envolvente; o Fazer ouvir as curiosidades das crianças; o Estimular a linguagem oral; o Identificar diferentes meios de deslocação; o Estimular a noção espacial e temporal (casa-JI); o Promover a linguagem oral e o diálogo entre o grupo; o Envolver as famílias nas descobertas da criança 	Visita e descoberta do Jardim Botânico Análise das descobertas e novos conhecimentos realizados no Jardim Botânico	Observação Diálogo Registo fotográfico Documentação
Transportes	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Fazer ouvir as crianças relativamente às suas expectativas e interesses; o Fomentar a multiculturalidade; o Promover o respeito pela opinião uns dos outros; o Envolver as famílias nas descobertas da criança 	Recolha dos diferentes meios para chegar ao jardim-de-infância e voltar para casa Levantamento das moradas de cada um	Observação Diálogo Documentação
Alimentação	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Fazer ouvir as crianças relativamente às suas expectativas e interesses; o Promover o respeito pela opinião uns dos outros; o Envolver as famílias nas descobertas da criança 	Recordar as ideias sugeridas pelas crianças Elaboração da receita para a confeção dos pastéis de St. Clara Conhecimento das receitas tradicionais de outros países	Observação Diálogo Documentação
Animais e Plantas	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Fazer ouvir as crianças relativamente às suas expectativas e interesses; o Promover o respeito pela opinião uns dos outros 	Relembrar o objeto deixado pelo Wally "Porque é que o Wally nos terá deixado uma pena?" Recolha das expectativas das crianças	Observação Diálogo Documentação

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Alimentação Animais e plantas Transportes	Quintal	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Descobrir o próximo sítio a visitar; o Identificar os conhecimentos da criança acerca do tema 	Percurso na natureza com descoberta da próxima visita	Observação Registro fotográfico Diálogo Documentação
Alimentação Animais e plantas Transportes	Salas de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Explorar as vivências das crianças; o Fazer ouvir os interesses e necessidades das crianças; o Preparar a visita 	Exploração dos conhecimentos prévios das crianças sobre os autocarros; Preparação da visita aos SMTUC	Observação Diálogo Documentação
Expressão Motora	Ginásio	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Estimular a concentração e a escuta; o Fazer diferentes deslocamentos e movimentos pelo espaço; o Expressar emoções e sentimentos; o Estimular a noção espacial e de tempo; o Desenvolver a capacidade criativa 	Narração de uma história "Um dia na cidade"	Observação Diálogo

Planificação 3ª semana

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Projeto/ Ponto de partida	Área/Espaço	Organização do Grupo	Objetivos	Estratégias/Atividades	Avaliação
Alimentação Animais e plantas Transportes	SMTUC Sala de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Adquirir novos conhecimentos através da exploração do meio local; o Fazer ouvir as curiosidades das crianças e os novos conhecimentos; o Proporcionar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; o Estimular a linguagem oral o Identificar diferentes meios de deslocação; o Estimular a noção espacial e temporal (casa-II); o Promover a linguagem oral e o diálogo entre o grupo; o Envolver as famílias nas descobertas da criança 	<p>Visita e conhecimento dos SMTUC</p> <p>Conversa sobre as descobertas e novos conhecimentos realizados nos SMTUC</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Transportes	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Fazer ouvir as crianças relativamente às suas expectativas e interesses; o Fomentar a multiculturalidade; o Promover o respeito pela opinião uns dos outros; o Envolver as famílias nas descobertas da criança 	<p>Recolha dos diferentes meios para chegar ao jardim-de-infância e voltar para casa</p> <p>Levantamento das moradas de cada um</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Documentação</p>
Alimentação	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Fazer ouvir as crianças relativamente às suas expectativas e interesses; o Promover o respeito pela opinião uns dos outros; o Envolver as famílias nas descobertas da criança 	<p>Recordar as ideias sugeridas pelas crianças</p> <p>Elaboração da receita para a confeção dos pastéis de St. Clara</p> <p>Conhecimento das receitas tradicionais de outros países</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Documentação</p>
Animais e Plantas	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Fazer ouvir as crianças relativamente às suas expectativas e interesses; o Promover o respeito pela opinião uns dos outros 	<p>Relembrar o objeto deixado pelo Wally "Porque é que o Wally nos terá deixado uma pena?"</p> <p>Recolha das expectativas das crianças</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Documentação</p>

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Alimentação Animais e plantas Transportes	Quintal	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Descobrir o próximo sítio a visitar; o Identificar os conhecimentos da criança acerca do tema 	Construção de um puzzle como indutor das próximas visitas	Observação Registo fotográfico Diálogo Documentação
Alimentação Animais e plantas Transportes	Salas de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Explorar as vivências das crianças; o Fazer ouvir os interesses e necessidades das crianças; o Preparar a visita 	Exploração dos conhecimentos prévios das crianças sobre os alimentos, o local de venda e o local de confeção dos mesmos; Preparação da visita ao Mercado Municipal e Cantina da UC	Observação Diálogo Documentação
Expressão Motora	Ginásio	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Estimular a concentração e a escuta; o Fazer diferentes deslocamentos e movimentos pelo espaço; o Expressar emoções e sentimentos; o Estimular a noção espacial e de tempo; o Desenvolver a capacidade criativa 	Narração de uma história "Um dia na cidade"	Observação Diálogo

Planificação 4ª semana

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Projeto / Ponto de Partida	Área/Espaço	Organização do Grupo	Objetivos	Estratégias/Atividades	Avaliação
Alimentação Animais e plantas Transportes	Mercado Municipal Sala de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Adquirir novos conhecimentos através da exploração do meio local; o Fazer ouvir as curiosidades das crianças e os novos conhecimentos; o Proporcionar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; o Estimular a linguagem oral o Acompanhar a evolução dos alimentos da horta até à sua colheita; o Promover o contacto com a natureza, explorando as suas potencialidades; o Fomentar a cooperação entre as crianças através da partilha de tarefas 	<p>Visita e exploração do Mercado Municipal de Coimbra</p> <p>Conversa sobre os novos conhecimentos e explorações vividas no mercado</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Alimentação Animais e plantas Transportes	Horta	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Adquirir novos conhecimentos através da exploração do meio local; o Fazer ouvir as curiosidades das crianças e os novos conhecimentos; o Almoçar na cantina, promovendo as inter-relações em diferentes meios; o Proporcionar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; 	<p>Plantação na horta das sementes e transplantações compradas na visita ao mercado</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Alimentação Animais e plantas Transportes	Cantina da UC Sala de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Adquirir novos conhecimentos através da exploração do meio local; o Fazer ouvir as curiosidades das crianças e os novos conhecimentos; o Almoçar na cantina, promovendo as inter-relações em diferentes meios; o Proporcionar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; 	<p>Visita e conhecimento da cantina da UC</p> <p>Almoço na cantina da UC</p> <p>Conversa sobre os novos conhecimentos adquiridos na cantina</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Alimentação Animais e plantas Transportes	Quintal	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Estimular a linguagem oral o Partilha das aprendizagens realizadas pelas crianças nos diferentes projetos; o Promover o respeito pela escuta e opinião uns dos outros 	Partilha das descobertas e dos novos conhecimentos feitos	Observação Diálogo Registo fotográfico Documentação
Expressão Motora	Ginásio	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Estimular a concentração e a escuta; o Fazer diferentes deslocamentos e movimentos pelo espaço; o Expressar emoções e sentimentos; o Estimular a noção espacial e de tempo; o Desenvolver a capacidade criativa 	Narração de uma história "Um dia na cidade"	Observação Diálogo
Expressão Motora				Preparada pelas colegas de estágio de EPE+1ºCEB	

Planificação 5ª semana

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Projeto/ Ponto de partida	Área/Espaço	Organização do Grupo	Objetivos	Estratégias/Atividades	Avaliação
Alimentação	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Respeitar as opiniões uns dos outros; o Proporcionar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; o Conhecer e respeitar os diferentes pratos típicos do mundo; o Estimular a linguagem oral 	<p>Marcação da data para a confeção dos pastéis</p> <p>Descoberta dos diferentes tipos de comida do mundo através da exploração do globo</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
"Projeto dos Animais"	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Identificar e partilhar conhecimentos sobre o voo das aves; o Comprovar através do contato com uma experiência científica, a importância do ar para a realização do voo nas aves. 	<p>Experiência com o ar para dar resposta à questão, "Por que é que algumas aves voam e outras não?"</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Transportes	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> o Proporcionar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; o Conhecer a própria morada e saber enuncia-la; o Fomentar a cooperação entre as crianças através da partilha de tarefas; o Estimular a linguagem oral; o Envolver as famílias nas descobertas e aprendizagens das crianças 	<p>Jogo das moradas: recolha das moradas</p> <p>Distinção dos diferentes tipos de transportes</p> <p>Construção do cenário para a sala de transformação; partilha de tarefas e decisão de materiais</p> <p>Descoberta dos autocarros de diferentes países</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Alimentação "Projeto dos Animais" Transportes	Salão	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Conhecer a vida diária de um funcionário dos SMTUC; o Reconhecer a realidade das pessoas que compõem a cidade; o Fazer ouvir as curiosidades das crianças; o Proporcionar momentos de partilha e respeito entre as crianças, e entre as crianças e os adultos; o Estimular a linguagem oral 	<p>Conhecimento do dia-a-dia de um funcionário dos SMTUC</p> <p>Partilha de curiosidades e interesses das crianças</p> <p>Registo das novas descobertas</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Alimentação "Projeto dos Animais" Transportes	Salas de atividades Museu de Zoologia	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Realizar novas aprendizagens através da exploração de locais da cidade; o Fazer ouvir as curiosidades das crianças; o Partilhar os novos conhecimentos realizados 	<p>Preparação da visita ao Museu de Zoologia</p> <p>Visita ao Museu de Zoologia</p> <p>Conversa sobre os novos conhecimentos e descobertas feitas no museu</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Alimentação "Projeto dos Animais" Transportes	Cantina da UC Sala de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Adquirir novos conhecimentos através da exploração do meio local; o Fazer ouvir as curiosidades das crianças e os novos conhecimentos; o Almoçar na cantina, promovendo as inter-relações em diferentes meios; o Proporcionar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; o Estimular a linguagem oral. 	<p>Visita e conhecimento da cantina da UC</p> <p>Almoço na cantina da UC</p> <p>Conversa sobre os novos conhecimentos adquiridos na cantina</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>

Coimbra à Vista **Várias vidas, uma Cidade**

Alimentação "Projeto dos Animais" Transportes	Quintal	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Partilha das aprendizagens realizadas pelas crianças nos diferentes projetos; o Promover o respeito pela escuta e opinião uns dos outros 	Partilha das descobertas e dos novos conhecimentos feitos	Observação Diálogo Registo fotográfico Documentação
Expressão Motora Tartarugas	Ginásio	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Estimular a criatividade da criança, promovendo o sentido de responsabilização através da organização de um jogo; o Fomentar o desenvolvimento pessoal e social da criança, estimulando a sua autonomia em jogos individuais e de grupo. 	Jogos ao ar livre - jogo da batata quente; jogo do polícia e ladrão; jogo dos bombeiros e emergências; saltar à corda. (Todos os jogos foram sugeridos pelas crianças).	Observação Diálogo Registo fotográfico
Expressão Motora Leões - Caracóis	Ginásio	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Realizar diferentes deslocações motoras no solo; o Partilhar os novos conhecimentos; o Respeitar o espaço; o Ouvir os outros com respeito; o Compreender a noção de espaço 	Realização de um percurso com a partilha dos novos conhecimentos das crianças.	Observação Diálogo Registo fotográfico

Planificação 6ª semana

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Projeto/ Ponto de Partida	Área/Espago	Organização do Grupo	Objetivos	Estratégias/Atividades	Avaliação
Alimentação Animais Aquáticos, Terrestres e Aéreos	Museu de Antropologia Sala de atividades	GG	<ul style="list-style-type: none"> Realizar novas aprendizagens através da exploração de locais da cidade; Fazer ouvir as curiosidades das crianças; Partilhar os novos conhecimentos realizados Confeccionar pastéis de Sta. Clara a partir das receitas recolhidas em família; Realizar o registo gráfico e escrito da receita; Partilhar os novos conhecimentos adquiridos 	<p>Visita ao Museu de Antropologia</p> <p>Conversa sobre os novos conhecimentos e descobertas feitas no museu</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Alimentação Animais Aquáticos, Terrestres e Aéreos	Salão	GG	<ul style="list-style-type: none"> Proporcionar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; Conhecer a própria morada e saber enunciar-la; Estimular a linguagem oral; Envolver as famílias nas descobertas e aprendizagens das crianças 	<p>Confeção dos pastéis de Sta. Clara pelas crianças</p> <p>Degustação dos pastéis de Sta. Clara</p> <p>Registo gráfico da receita e sua confeção</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Aquáticos, Terrestres e Aéreos	Diferentes espaços	PG	<ul style="list-style-type: none"> Contribuir para a transformação do atelier; Fomentar a cooperação entre as crianças através da partilha de tarefas; Preparar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; 	<p>Jogo das moradas</p> <p>Jogo com os autocarros dos diferentes países</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>
Alimentação Animais Aquáticos, Terrestres e Aéreos	Diferentes espaços	GG	<ul style="list-style-type: none"> Contribuir para a transformação do atelier; Fomentar a cooperação entre as crianças através da partilha de tarefas; Preparar momentos de partilha e de respeito entre as crianças; 	<p>Conclusão dos adereços e montagem do cenário para o atelier</p>	<p>Observação</p> <p>Diálogo</p> <p>Registo fotográfico</p> <p>Documentação</p>

Coimbra à Vista | **Várias vidas, uma Cidade**

Alimentação "Projeto dos Animais" Transportes	Quintal	GG	<ul style="list-style-type: none"> o Envolver as crianças na magia da transformação o Partilha das aprendizagens realizadas pelas crianças nos diferentes projetos; o Promover o respeito pela escuta e opinião uns dos outros 	Partilha das descobertas e dos novos conhecimentos feitos	Observação Diálogo Registo fotográfico Documentação
Expressão Motora				Preparada pelas colegas de mestrado em EPE + 1ºCEB	

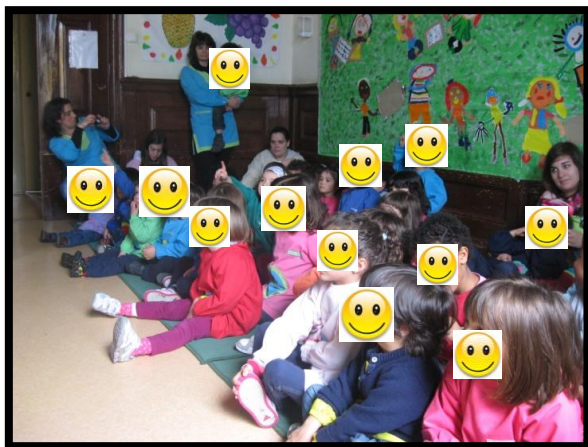
Apêndice VII – Fotos das Visitas de Estudo



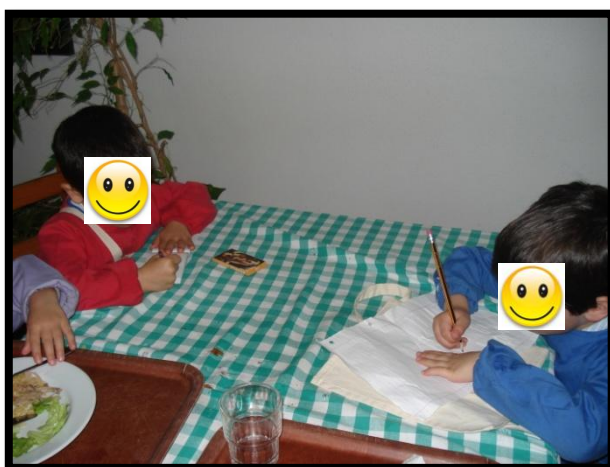
Figuras 27 e 28 – Visita ao “Jardim Botânico de Coimbra”



Figuras 29 e 30 – Visita ao “Mercado Municipal D. Pedro IV”



Figuras 31 e 32 – Visita de um motorista dos S.M.T.U.C ao jardim-de-infância.



Figuras 33 e 34 – Visita à “Cantina Sereia”

Apêndice VIII – Transformação do *Atelier “Sala Mágica”*



Figuras 35 e 36 – Crianças a trabalharem na transformação do *Atelier “Sala Mágica”*



Figuras 37 e 38 – O *atelier “Sala Mágica”* já finalizado.

Apêndice IX – Alguns dos Painéis de Documentação



Figuras 39, 40 e 41 – Painéis de Documentação.

Anexo

Anexo I – Poema “As Cem Linguagens da Criança” Loris Malaguzzi

A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos cem pensamentos cem modos de pensar de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar de maravilhar e de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois cem, cem, cem) mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.	Dizem-lhe: de pensar sem as mãos de fazer sem a cabeça de escutar e de não falar de compreender sem alegrias de amar e de maravilhar-se só na Páscoa e no Natal. Dizem-lhe: de descobrir um mundo que já existe e de cem roubaram-lhe noventa e nove. Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho a realidade e a fantasia a ciência e a imaginação o céu e a terra a razão e o sonho são coisas que não estão juntas. Dizem-lhe enfim: que as cem não existem. A criança diz: Ao contrário, as cem existem.
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------